

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

Barbara Alves dos Passos Craveiro

Da ordem ao Caos: um olhar para a indisciplina nas aulas de Arte

São Carlos
2024

Barbara Alves dos Passos Craveiro

Da ordem ao Caos: um olhar para a indisciplina nas aulas de Arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Carmo de Sousa

São Carlos
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Relatório de Defesa de Dissertação Candidata: Barbara Alves dos Passos Craveiro

Aos 29/08/2024, às 14:00, realizou-se na Universidade Federal de São Carlos, nas formas e termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, a defesa de dissertação de mestrado sob o título: Da ordem ao Caos: Um olhar para a indisciplina em aulas de arte, apresentada pela candidata Barbara Alves dos Passos Craveiro. Ao final dos trabalhos, a banca examinadora reuniu-se em sessão reservada para o julgamento, tendo os membros chegado ao seguinte resultado:

Participantes da Banca	Função	Instituição	Conceito	Resultado
Profa. Dra. Maria do Carmo de Sousa	Presidente	UFSCar	<u>Aprovada</u>	Final <u>Aprovada</u>
Profa. Dra. Cristina Mie Ito Cereser	Titular	CEUCLAR	<u>Aprovada</u>	
Profa. Dra. Daniela Dotto Machado	Titular	UFSCar	<u>Aprovada</u>	

Parecer da Comissão Julgadora*:

A banca considera o trabalho aprovado e indica que a mestranda realize as correções solicitadas. Sugere a publicação em periódicos e a divulgação em congressos científicos.

Encerrada a sessão reservada, o presidente informou ao público presente o resultado. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e, para constar, eu, Maria do Carmo de Sousa, representante do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, lavrei o presente relatório, assinado por mim e pelos membros da banca examinadora.

Profa. Dra. Maria do Carmo de Sousa

Representante do PPG: Maria do Carmo de Sousa

Profa. Dra. Cristina Mie Ito Cereser

Profa. Dr. Daniela Dotto Machado

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Cristina Mie Ito Cereser, Fernando Stanzione Galizia e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARIA DO CARMO DE SOUSA

Data: 28/08/2024 16:48:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria do Carmo de Sousa

(X) Não houve alteração no título () Houve alteração no título. O novo título passa a ser:

Observações:

a) Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

b) Para gozar dos direitos do título de Mestre ou Doutor em Educação, o candidato ainda precisa ter sua dissertação ou tese homologada pelo Conselho de Pós-Graduação da UFSCar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Termo de Conferência para Impressão do Diploma

Prezada aluna: favor ler atentamente as informações abaixo, pois serão impressas em seu diploma.

Aluna: Barbara Alves dos Passos Craveiro

Programa: Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Área de Concentração: Ensino-Aprendizagem

Título Obtido: Mestra em Educação

Filiação: Osvaldo Alves dos Passos e Bartira Alves dos Passos

Nacionalidade: brasileira

Local de Nascimento: São Bernardo do Campo - SP

Data de Nascimento: 23/01/1980

Sexo: Feminino

CPF: 31777202825

RG: 29.097.388-0 (DEVE SER EXATAMENTE IGUAL AO RG, INCLUINDO PONTOS, TRAÇOS E LETRAS)

Órgão Expedidor / Estado: SSP/SP

Data da Defesa: 29/08/2024

Caso haja algum erro, escrever no quadro abaixo:

Li e concordo com as informações () com as ressalvas acima () sem ressalvas.

Caso haja alguma informação errada após a expedição do diploma, me responsabilizarei pelas custas referentes à emissão da 2ª via.

Aluna

Este documento somente será válido:

- a) com a assinatura única e exclusiva do aluno (assinaturas de terceiros não serão aceitas)
- b) a partir das defesas realizadas em 01/11/2014
- c) se gerado a partir do ProPGWeb



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Termo de Conferência para Impressão do Diploma

Prezada aluna: favor ler atentamente as informações abaixo, pois serão impressas em seu diploma.

Aluna: Barbara Alves dos Passos Craveiro

Programa: Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Área de Concentração: Ensino-Aprendizagem

Título Obtido: Mestra em Educação

Filiação: Osvaldo Alves dos Passos e Bartira Alves dos Passos

Nacionalidade: brasileira

Local de Nascimento: São Bernardo do Campo - SP

Data de Nascimento: 23/01/1980

Sexo: Feminino

CPF: 31777202825

RG: 29.097.388-0 (DEVE SER EXATAMENTE IGUAL AO RG, INCLUINDO PONTOS, TRAÇOS E LETRAS)

Órgão Expedidor / Estado: SSP/SP

Data da Defesa: 29/08/2024

Caso haja algum erro, escrever no quadro abaixo:

Li e concordo com as informações () com as ressalvas acima () sem ressalvas.

Caso haja alguma informação errada após a expedição do diploma, me responsabilizarei pelas custas referentes à emissão da 2ª via.

Aluna

Este documento somente será válido:

- a) com a assinatura única e exclusiva do aluno (assinaturas de terceiros não serão aceitas)
- b) a partir das defesas realizadas em 01/11/2014
- c) se gerado a partir do ProPGWeb



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Barbara Alves dos Passos Craveiro, realizada em 29/08/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria do Carmo de Sousa (UFSCar)

Profa. Dra. Cristina Mie Ito Cereser (CEUCLAR)

Prof. Dr. Fernando Stanzione Galizia (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação.

Aos meus filhos Cecília e Mauro Júnior

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter permitido permanecer em pé em toda essa trajetória, ao meu amado pai, por ter me ensinado a ser forte, independente da batalha, a minha mãe por ter me deixado, de herança, sua calma e persistência; a luz que deixaram na minha vida, me ilumina sempre, obrigada.

Agradeço aos meus filhos, pela compreensão, carinho e amor incondicional, sem a alegria existente em vocês eu jamais conseguiria.

Agradeço a todos os meus amigos, que me ajudaram de forma única e verdadeira, sempre serei grata. "Haja o que houver, estarei com vocês onde estiverem".

Agradeço imensamente à minha orientadora, Maria do Carmo, seu exemplo é um ensinamento único, que abrange a grandeza das mulheres negras.

Agradeço a bolsa recebida através do TAC-Termo de Ajustamento de conduta/Carrefour

Agradeço ao grupo GPEFCom por todo apoio e cumplicidade nessa trajetória

Um agradecimento especial a todos os meus alunos, que me ajudam a ensinar com alegria e me moldam da melhor forma, permitindo uma troca educacional fantástica e me inspiram a ser cada vez melhor.

Educar É FAZER A CRIANÇA ABRIR OS OLHOS PARA O MUNDO QUE A RODEIA e dar-lhe a possibilidade de se maravilhar com cada nova descoberta que ela mesma vai fazendo do mundo que a cerca. Esta capacidade, hoje, só o poeta conserva. O que é uma pena! Sensível para o mundo que descobre, a criança será também sensível para os outros homens, para as ciências, para as artes, para o prazer de viver.

(Machado, 1972, p. 2)

Lista de Quadros

Quadro 1 – Pesquisa 1.....	25
Quadro 2 – Pesquisa 2.....	26
Quadro 3 – Pesquisa 3.....	26
Quadro 4 – Pesquisa 4.....	26
Quadro 5 –Tríade da violência	38
Quadro 6 – Agressividade	39
Quadro 7 – Agressão	40
Quadro 8 – Violência.....	40
Quadro 9 – Questionário	61

Lista de Figuras

Figura 1 – Três Raças.....	56
Figura 2 – Batuque, samba e macumba	56

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Comportamentos Indisciplinados.....	69
Gráfico 2 – Espera por silêncio.....	70
Gráfico 3 – Experiência como professor	70
Gráfico 4 – BNCC.....	71

Lista de Siglas

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
PPGPE	Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PRODIARTE	Programa de Desenvolvimento Integrado de Artes
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

RESUMO

Esta pesquisa tem como temática a relação Indisciplina e Arte, partindo do pressuposto de que nas aulas de arte ocorrem diferentes interações, entre aluno-aluno e aluno-professora. Desta forma, o foco está nas interações ocorridas em aulas de teatro, ministradas em uma escola na cidade de Barretos-SP. A questão de pesquisa que procuramos responder é: Quais são as interações dos alunos considerados indisciplinados nas aulas de Arte, da educação básica? A partir desta questão, o objetivo geral da pesquisa é investigar como os alunos considerados indisciplinados interagem nas aulas de Arte, percebemos que a disciplina arte, ministrada na escola, favorece as diversas interações ocorridas nas aulas de arte, inclusive, em relação a indisciplina. Enquanto professora pesquisadora temos percebido que tal indisciplina pode estar associada a inquietude dos alunos dessa faixa etária o que pode ser entendido como certo movimento de desconforto com o sistema educacional vigente e que nas aulas de arte os alunos conseguem estabelecer uma melhor interação. Os objetivos específicos partiram inicialmente da visão de Yves de La Taille, onde a indisciplina pode ser entendida como uma revolta em relação às normas ou o desconhecimento delas, no entanto, recorreremos no decorrer da pesquisa a outros objetivos específicos, que corroboraram para responder à questão de pesquisa. Quais interações que ocorreram nas aulas de teatro? Qual a visão social da indisciplina e como ele está sendo vista na comunidade escolar? A indisciplina realmente é o grande problema da educação? A liberdade e a criação são elementos significativos no processo de aprendizagem? O estudo mostrou uma relação respeitosa entre a liberdade de criação e as interações dos alunos, mostrou também a dificuldade em relacionar a indisciplina a um contexto social, colocando-a apenas como um problema familiar. Através da linguagem arte, teatro, observamos diversas interações, sem a presença de indisciplina, positivando o olhar da arte para ela. A pesquisa tem a natureza quali-quantitativa, pois se estabelece partindo da descrição, classificação e interpretação. Para este estudo os participantes foram alunos e professores da rede Estadual de ensino de uma cidade de Barretos-SP. As informações foram obtidas através de aulas realizadas nessa escola e de um questionário respondido por treze professores. Um dos resultados apontados pela pesquisa mostra que os professores indicam a disciplina Arte como uma possibilidade para que os alunos possam compreender os conteúdos das demais disciplinas, ou seja, a Arte, na visão dos professores, pode ser considerada como uma disciplina interdisciplinar. Desta forma, os professores mostram certa incoerência, uma vez que eles entendem que a indisciplina tem cunho familiar. Um outro resultado ressalta que os alunos da sala considerada mais indisciplinada pela escola, sobre a perspectiva das análises, teve excelentes resultados nas atividades propostas e desenvolvidas durante as aulas de arte. O estudo presente responde a questão de pesquisa, salientando que ocorreram diversas interações, dentre elas, a de professor-aluno, aluno-aluno, aluno-atividade, aluno-tempo aula, aluno-professor-conhecimento, e que em nenhuma delas observou-se comportamentos ditos "indisciplinados".

Palavras-chaves: Educação. Indisciplina. Arte.

ABSTRACT

This research focuses on the relationship between indiscipline and art, based on the assumption that various interactions occur in art classes, both between students and between students and the teacher. In this sense, the focus is on the interactions that take place during theater classes taught at a school in the city of Barretos, São Paulo. The research question we aim to answer is: What are the interactions of students considered undisciplined in basic education art classes? From this question, the general objective of the research is to investigate how students considered undisciplined interact in art classes. We observed that the art subject, taught in schools, fosters various interactions in the classroom, including those related to indiscipline. As a teacher-researcher, I have noticed that such indiscipline might be associated with the restlessness of students in this age group, which can be understood as a form of discomfort with the current educational system. In art classes, students tend to establish better interactions. The specific objectives initially stemmed from Yves de La Taille's view, in which indiscipline can be understood as a revolt against rules or ignorance of them. However, throughout the research, we explored additional specific objectives, which helped answer the research question. What interactions occurred during theater classes? What is the social view of indiscipline, and how is it perceived within the school community? Is indiscipline truly the major problem in education? Are freedom and creativity significant elements in the learning process? The study revealed a respectful relationship between creative freedom and student interactions. It also highlighted the difficulty in relating indiscipline to a social context, often reducing it to a family issue. Through the language of art, particularly theater, we observed various interactions without the presence of indiscipline, thereby presenting a positive perspective on art in this regard. The research is of a qualitative-quantitative nature, as it is based on description, classification, and interpretation. For this study, the participants were students and teachers from the state public school system in the city of Barretos, São Paulo. Information was obtained from classes held at this school and from a questionnaire answered by thirteen teachers. One of the results indicated by the research shows that teachers view art as a subject that can help students understand the content of other subjects. In other words, from the teachers' perspective, art can be considered an interdisciplinary subject. However, there is some inconsistency, as teachers also believe that indiscipline stems from family issues. Another result highlights that the class considered the most undisciplined by the school, based on the analysis, achieved excellent results in the activities proposed and developed during art classes. This study answers the research question by emphasizing that numerous interactions occurred, including teacher-student, student-student, student-activity, student-class time, and student-teacher-knowledge, and none of these interactions exhibited so-called "undisciplined" behavior.

Keywords: Education. Indiscipline. Art.

Sumário

Apresentação.....	12
Seção 1 - Problemática e justificativa da pesquisa.....	13
1.1 Memorial.....	13
1.2 Justificativa da pesquisa.....	17
Seção 2 – Fundamentação Teórica.....	24
2.1 Levantamento e Revisão Bibliográfica	24
2.2 O conceito de Indisciplina.....	27
2.3 Incivilidade e Indisciplina	37
2.4 Arte, Transgressão e Criatividade	42
2.5 A Arte	45
2.6 Teatro.....	52
2.7 Arte, África e Ancestralidade	54
Seção 3 – Procedimentos Metodológicos.....	58
3.1 Instrumento de construção de dados da pesquisa.....	60
3.1.1 Plano de aula de Teatro	60
3.2 Instrumento questionário.....	61
3.3 O contexto da pesquisa.....	62
3.4 Análise de conteúdo.....	63
3.4.1 Instrumento1	63
3.4.2 Instrumento 2	65
Seção 4 – Análise das informações.....	68
4.1 Questionário	68
4.1.1 Educando o olhar com a teoria.....	72
4.2 Aulas	76
4.2.1 Aula de Teatro.....	77
4.2.2 Educando o olhar com a teoria.....	86
4.3 Um olhar para a indisciplina através das aulas de Arte.....	88
Considerações Finais	97
Referências	99

Apresentação

A dissertação está dividida em quatro seções.

Na primeira seção abordaremos a problemática e a justificativa da pesquisa, a partir do memorial, onde relatamos as experiências vividas enquanto professora da disciplina de Arte e, como tomamos a decisão em dissertar sobre a temática “**Arte e Indisciplina**”.

Na “Justificativa da Pesquisa” recorremos a autores como Aquino (1998) e Vasconcelos (2009) associando-os a outros como Souza (2012) e Garcia (1999), que corroboram com a temática “indisciplina escolar”. Esses autores evidenciam a indisciplina, como o grande problema da educação atual. O objetivo desta seção é apresentar estudos sobre o tema e fundamentar a relevância da pesquisa.

A segunda seção intitula-se “Fundamentação teórica” e está dividida em sete subseções, as quais indicam o percurso teórico que fizemos ao desenvolvermos a pesquisa.

Em sua primeira subseção está “o levantamento e a revisão bibliográfica”, que tem como objetivo, apresentar estudos que envolvam a indisciplina. As outras subseções se dividem entre o “Conceito de indisciplina”, “Indisciplina e incivilidade”, “Arte, transgressão e criatividade”, “A Arte”, “O teatro”, “Arte, África e ancestralidade”. subseções tem como objetivo fundamentar teoricamente os termos “**Arte e Indisciplina**”.

A seção de procedimentos metodológicos está dividida em três subseções, “Instrumento de coleta”, “Contexto da pesquisa” “A coleta de dados”. Tem como objetivo apresentar a metodologia do trabalho.

A análise das informações está na seção quatro, dividida entre “Observação”, “Categorização” e “Análise dos dados”, seu objetivo é responder a questão de pesquisa.

Seção 1 - Problemática e justificativa da pesquisa

Nesta seção farei um relato da minha experiência como professora e os caminhos que me fizeram chegar até aqui.

1.1 Memorial

Inicialmente, farei uma breve apresentação sobre minha trajetória de professora e artista, e a necessidade e vontade existente em mim para realizar esse trabalho.

Desde muito pequena sempre me senti artista, nas brincadeiras sempre arrumava um jeito de dançar, cantar, pintar e aparecer. Nas brincadeiras de escolinha sempre era a professora e, por ter tido pais que estimulavam a minha criatividade, o meu lado artístico nunca morreu, meus pais sempre fizeram questão de assistir todos os meus espetáculos e incentivaram o meu talento e minha criatividade.

Percebi desde muito cedo que a minha forma de ver o mundo era a forma artística, mas demorou um tempo para perceber a minha ancestralidade, o meu corpo negro nessa arte. Com quatorze anos comecei a fazer aulas de dança afro e participei do projeto de espetáculo “Zumbi dos Palmares”, que havia sido contemplado na Lei Rouanet, porém, por ser um espetáculo com esse nome, com esse tema, a captação de recursos, prevista na lei, não aconteceu, nenhuma empresa se interessou em colaborar com seus impostos e depois de um ano de ensaio o projeto veio ao fim. Naquele momento eu não entendia o que realmente estava acontecendo, mas entendia que o meu corpo e a minha arte tinham encontrado o seu lado mais bonito e na dança africana pude perceber a força de um atabaque pulsando por todo o meu corpo e foi ali que me vi realmente artista.

Fui estudar dança africana e fiz diversas apresentações, fui me especializando em dança e teatro, participei de diversos espetáculos, me tornei atriz profissional, tirei minha DRT (Delegacia Regional do trabalho) de atriz, me formei em artes visuais e minha ligação com a arte se alicerça nessas três linguagens, dança, teatro e artes visuais e, com base nessas formações e conhecimentos, é que realizei essa investigação.

Em relação à minha atuação profissional, sou professora em uma escola na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, ministrando aulas de artes no ensino

fundamental e médio. Também atuou na Prefeitura Municipal de Barretos ministrando aulas de teatro e artes no ensino fundamental, séries Finais. Por fim, também atuou como atriz, pois faço parte da Cia Rio Circular há mais de vinte anos.

Por meio dessa formação e atuação profissional, principalmente como professora concursada na área de arte e ministrando aulas no Estado e no Município, percebi o quanto a arte é importante no processo de aprendizagem, além disso, pude observar também diversas mudanças em relação ao comportamento dos alunos durante essas aulas. Dentre as experiências que tive, uma me chamou atenção por se tratar de uma exclusão – não uma exclusão comum, mas uma exclusão por indisciplina. Esse fato me fez refletir se a indisciplina escolar e a inclusão escolar referem-se a coisas distintas ou não. Esses conceitos estão permeando a mesma margem do rio ou estão em lados opostos?

A partir dessas reflexões, concluí que pensar a indisciplina e a inclusão como situações distintas implica em apenas limitar o nosso pensamento em um caráter apenas individual e, sendo assim, fica difícil criar uma relação entre ambas. Mas se pensarmos que existe uma conexão entre as duas, começamos a abrir um leque de possibilidades onde elas caminham juntas. Com base nesse pensamento, podemos perceber o quanto a indisciplina exclui e quantos alunos estão perdendo a oportunidade de uma real aprendizagem por conta disso. Educadores que não acreditam que a indisciplina exclui colocam apenas o aluno como desrespeitador, sem limite ou desinteressado (Aquino, 1998) e, pontuando este aluno desta forma, solucionam o problema verbalmente sem o interesse de ir a fundo em relação à questão da indisciplina.

Com a exclusão que a indisciplina acarreta pude ver a história de um aluno pobre da periferia, negro, que frequentava a escola do bairro e que no quinto ano do ensino fundamental ainda não sabia nem ler e nem escrever. Esse fato não apenas acarretava a sua exclusão de diversos processos escolares como também sofria a *discriminação pelo racismo estrutural*, pois sempre foi apontado pelos profissionais da escola como um menino problema, um aluno “terrível” e realmente não tinha para ele nem um olhar amigável.

Dentro desse contexto, convidei esse aluno para as minhas aulas de teatro, já que a escola é de período integral e tinha essa disciplina. A partir disso, o aluno tornou-se um menino de sorriso fácil e se encantou com essa história de teatro, com esse “faz de conta” que o teatro tem. Aos poucos, o menino agressivo foi dando lugar ao

menino dedicado e entusiasmado com a ideia de pertencer ao grupo e a vontade de fazer superou ao não saber ler e escrever, resultando no personagem apresentador de uma peça.

Porém, a escola onde estava inserido já o havia excluído, quando por anos foram apenas o colocando para fora da sala, foram aprovando-o nas disciplinas sem uma real aprendizagem. Essa escola não aceitou o aluno como apresentador da peça, não aceitou a superação de um menino de dez anos que, em meio a tantas dificuldades, conseguiu fazer o seu melhor. Ao vê-lo ensaiando a peça zombaram da sua aprendizagem e esforço e não abriram mão das comparações e, por fim, a escola fez uma linda apresentação, mas não com ele apresentando, pois, a exclusão se fez presente e, mais uma vez, naquele momento não consegui visualizar o racismo como ele é, pois o meu olhar estava voltado apenas para a indisciplina do aluno, suas atitudes e sua forma de ser, hoje percebo não só o racismo, como a grande exclusão que ele sofreu, como também a forma como nós profissionais vemos o racismo na educação, ele existe, mas muitas vezes não o vemos como deveria. Nas aulas de teatro, percebi que ele teve muitas aprendizagens, como vivência em grupo, dentre outras.

Esse relato retrata bem a abordagem da escola atual e toda a dificuldade da mudança, da mudança de atitude, da mudança do olhar, da mudança do ser, que precisamos construir dentro da escola, para que todos os alunos tenham o direito de igualdade, indisciplinados ou não.

Na minha atuação profissional busco criar aulas atrativas onde o ensino inspire uma liberdade e que a aprendizagem se conecte a uma diversidade cultural, busco resgatar a cultura africana, pois a grande maioria dos alunos das escolas que eu leciono são negros e por serem escolas inseridas na periferia da minha cidade, e se encaixam nas piores estáticas com relação ao racismo, acredito que conhecer a cultura e a história africana faça com que os alunos possam se sentir capazes e fortes na descoberta de quem realmente são e que eu não ouça de mais nenhum aluno o que ouvi: “professora até quando as balas vão nos encontra”? Essa frase é pesada e dita por um aluno do sétimo ano.

Assim, a partir de minha atuação profissional, senti necessidade de associar o ensino da arte como uma forma de investigar a questão da indisciplina escolar, focando na arte, dentro dessa indisciplina. Enquanto professora de artes, sempre

percebi a indisciplina presente na escola e o quanto esse problema é grave dentro do contexto escolar.

Dessa forma, para além dos conteúdos técnicos ou conceituais, a convivência, o comportamento, as atitudes e os valores são questões que também estão ligadas à escola que, assim, tem grande responsabilidade no processo de formação global do indivíduo. Como diz Aquino (1998, p. 27): “é tarefa de todos nós (principalmente os educadores) garantir uma escola de qualidade e para todos, indisciplinados ou não, com recursos ou não, com pré-requisitos ou não, com supostos problemas ou não”.

Compartilho do pensamento de Aquino, é tarefa de todos nós, garantir uma qualidade escolar para todos, indisciplinados ou não, sendo assim estudar sob a indisciplina é importante não só para a minha trajetória profissional, como também para a pessoal; ao relacionar a arte e educação, áreas em que atuo, busco um estímulo para aprofundar meu aprendizado e buscar novas formas de interação entre ambas.

Sei que meu olhar para o aluno indisciplinado nunca foi um olhar de julgamento, nunca consegui dividir os alunos entre alunos “ruins” e “bons”, pois considero que este tipo de juízo, muitas vezes, nos distancia da relação professor-aluno e nos coloca em uma situação de juiz-réu, o que descaracteriza as situações de ensino-aprendizagem.

Assim, sempre considerei os alunos como eles realmente são, ou seja, pessoas que estão inseridas em sua realidade e, ao considerá-los e confiar em seu potencial, tive diversas experiências positivas que me mostraram que eu estava certa em pensar assim, e que muitos alunos ditos indisciplinados se encontraram na arte e restabeleceram o seu processo de aprendizagem.

Como educadora, pesquisadora e artista, sinto uma imensa necessidade de investigar esse tema e as interações em torno dele e como essas interações acontecem nas aulas de arte.

Na próxima subseção será descrito o meu entender sobre o conceito de indisciplina. Apoio-me nos seguintes autores: Aquino, Vasconcelos, Freire para justificar a pesquisa e sua relevância para a educação.

1.2 Justificativa da pesquisa

Por meio da minha trajetória de formação e atuação profissional, percebo o quanto a indisciplina exclui e quantos alunos estão perdendo a oportunidade de uma real aprendizagem por conta disso.

Dessa forma, existe a necessidade de investigar como os alunos considerados “indisciplinados” interagem nas aulas de arte. Freire evidencia a autenticidade da prática e o quanto as relações são movidas pela experiência do tocar, como ele diz:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (Freire, 1996, p. 14).

Com base nesta afirmação é que começamos a discorrer sobre o tema indisciplina, o qual de acordo com Freire (1996), o ensinar aprender, parte de uma autenticidade; autenticidade essa que só poderá ser sentida se vivermos a experiência total do “ensinar-aprender”, para viver essa autenticidade, precisamos viver a prática na sua totalidade, buscando o nosso “eu” em plenitude, por que só assim, estaremos no caminho de construir uma escola de qualidade para todos como aponta Aquino (1998).

A autenticidade tem um impacto muito grande em relação ao ensinar, quando buscamos o “Eu” em plenitude, percebemos que ele não poderá ser o “Eu” do autoritário, o “Eu” do sei tudo, o “Eu” do fechar de ideias, o “Eu” mandar para fora o aluno que não me convém. Quando encontramos a nossa autenticidade, estamos de certa forma adotando a postura de acolhimento para todos os desafios existentes na sala de aula, inclusive a indisciplina.

Considerando-se essas reflexões iniciais, será que não está na hora de revermos a nossa prática, a nossa postura e os nossos conceitos com relação à indisciplina?

Ao responder essa questão, percebemos que a autenticidade que Freire (1996) diz está na ligação entre a busca e os desafios cotidianos do educador, essa autenticidade nos desafia a olhar a indisciplina sob outro viés, mudando o conceito pré estabelecido, que coloca a indisciplina apenas como oposição à disciplina.

Dessa forma, para falar sobre indisciplina escolar precisamos pensar no significado de disciplina:

O vocábulo disciplina deriva do latim (*discarape*, captar claramente; *disceptare*, discutir alguma coisa, *discipulus*, aluno; disciplina, ensino, doutrina ciência), usado normalmente para se referir a um domínio limitado do saber e sua representação didática. Será só no baixo latim (aproximadamente a partir do século III) que a disciplina adquire também o sentido de ordem e correção (Ipfling, 1979, p. 98).

A disciplina, do ponto de vista de Ipfling (1979) tem o sentido de ordem, de organização, e esse conceito se aplica também à educação, já que a ordem escolar é organizada através de regras estabelecidas para serem cumpridas e não contestadas.

No grego antigo, podemos associar o termo *paidagogia* (arte de educar as crianças), composto de *paidós* (criança) e *agogé* (ação de conduzir) ou ainda *eutaxia* (boa ordem, disciplina, oportuno, medida justa), vindo de *eu* (bem, bom, boa, constituição) e *taxía* (ordenação, disposição sistêmica, classificação). Mais amplamente, relacionamos com *cosmos* (Kosmos), ordem, harmonia, disciplina, organização que se contrapõe a (*Kháos*), abertura, grande confusão, desordem, ou ainda no sentido mitológico, vazio primordial que precede e propicia a criação do universo. Portanto, desde há muito, a disciplina implica os sentidos epistemológico ou intelectual (domínio do objeto, capacidade de exercitar, ginástica mental) e ético ou moral (princípio de conduta individual ou coletiva, comportamento, atitude) (Vasconcelos, 2009, p. 89).

Sendo assim, o comportamento individual está relacionado ao domínio mental que fortalece atitudes onde não exista o caos e que qualquer comportamento contrário a isso, seria uma forma de desestabilizar a disciplina, provocando assim, ações indisciplinadas.

Na educação essas ações indisciplinadas são tão recorrentes, que já estamos às normatizando, recorrendo apenas às punições como forma de enfrentamento.

Para Sotoriva (2008), no ambiente de sala de aula, essas regras são criadas e impostas pelo professor, que, na maioria das vezes, não ouve a opinião dos alunos.

Essas regras impostas por professores nos levam a pensar o quanto de regras existe dentro de uma escola e como elas estão sendo criadas? Como será a abordagem destas regras com relação aos alunos?

Existe uma facilidade em responder essas perguntas, principalmente quando estamos com o giz nas mãos, perdidos dentro de um mecanismo que nos enfraquece ao invés de nos fortalecer, sempre serão criadas regras de convivência, contrato pedagógico, ou qualquer outra coisa que ajude, sofrer menos enquanto educadores, apesar dos professores serem vistos como os detentores do conhecimento a ser

aplicado, não deve existir o intitulado “superior” ao aluno, esse pensamento associado às regras da escola, buscam uma forma de manter a ordem.

Para Jesus e Maia (2010, p.15): “Podem-se visualizar no espaço escolar práticas que visam a homogeneização e a busca do aluno obediente que acata as ‘verdades absolutas’ que os professores dizem possuir”.

Uma abordagem ingênua, tendo em vista que o aluno atual é questionador e não aceita verdades absolutas, imposta pelos professores.

A indisciplina, enfim, está presente em todo contexto escolar, podendo ser um indicativo de que a forma, ou formato, em que ela se estabelece não está funcionando como se imagina.

Se os episódios de indisciplina são constantes dentro da escola e a única forma de envolvimento escolar está no ato de punir, as nossas noções da sociedade precisam urgentemente serem revistas, o aluno de agora não é o mesmo de dez anos atrás, a sociedade em seus avanços, mostrando outras formas de ensinar, outras formas de se relacionar, o giz e o quadro, não são as únicas tecnologias usadas nos dias de hoje, portanto a punição, que existia antes, não deve ser a única forma de olhar a indisciplina.

Portanto olharemos o aluno considerado “indisciplinado” não como aquele que promove a desordem e não aceita as regras, mas como o aluno que traz uma “inconformidade” dentro de si e que essa “inconformidade” reflete nas suas relações dentro da escola, é como se existisse um incômodo no seu comportamento individual, um não pertencimento a essas regras, logo não as seguir é buscar um caminho ainda não entendido pela escola.

Cada dia mais a escola tem se tornado um ambiente de autoritarismo, com foco apenas nos resultados estabelecidos por determinados sistemas educacionais, o aluno enquanto sujeito está esquecido em sua individualidade e a sua relação com a escola passou a ser apenas através de gráficos e planilhas, que avaliam as suas competências e habilidades, agrupando e classificando alunos em avançado, adequado, básico ou abaixo do básico. Essa classificação é bem clara no Sistema Educacional de Ensino da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, esse sistema qualifica a aprendizagem através do conhecimento ou não de habilidades e competências.

Portanto, a organização das Escolas Estaduais de São Paulo, o material pedagógico que elas utilizam, e as regras de conduta que seguem estão associadas unicamente na aprendizagem destas habilidades e competências, e o quanto os alunos estão aprendendo em relação a elas, essas habilidades e competências, são avaliadas

através de provas como o SARESP, Prova Brasil, entre outras. Através delas, classificam os alunos e as escolas, como em um ranking, criando rótulos positivos ou negativos.

Reconhecemos no SARESP seu potencial de possibilitar esses dois focos de análise; porém, a investigação dos relatórios permitiu-nos evidenciar que as Diretorias de Ensino utilizam o SARESP, pelas análises explicitadas nos documentos, como *assessment*, ou seja, um teste para verificar os rendimentos dos alunos. Neste sentido, sua possibilidade de referir-se ao processo mais geral de julgamento e *feedback*, que é seu potencial avaliativo, é desconsiderado, sendo utilizado somente como ranking dos desempenhos escolares, ou seja, *assessment*, referindo-se aos procedimentos de medição e uso da informação gerada com fins classificatórios (Broadfoot, 1996, p. 6).

Essa classificação privilegia o aluno avançado, colocando-o como aquele que está apto a esse sistema, transformando-o assim, em um troféu a ser exibido, validando o sistema educacional; em contrapartida. O aluno considerado abaixo do básico, o que não obteve aprendizagem significativa, torna-se alvo iminente de diversos apontamentos, que justifique “a não aprendizagem”, entre os apontamentos: a defasagem, a negligência familiar, a indisciplina, estão entre as desculpas justificativas.

Portanto, não existe nenhuma possibilidade de considerar o impacto negativo que essa “**classificação**” pode ocasionar, principalmente para as interações entre aluno-professor, professor-gestor, aluno-aluno, aluno-gestor, gestor-escola.

Esse é um ponto de muita reflexão, será que os Sistemas Educacionais, que diagramam conhecimento, estão preparados para a autenticidade a que Freire se refere? Com efeito, os professores estão imersos num mundo de tarefas e responsabilidades e são culpabilizados pelo que de mal acontece nas escolas.

Os pensamentos, com relação às avaliações em grande escala e a classificação, ressaltam uma discussão em âmbito muito maior, que está relacionado aos professores e como eles estão sendo expostos, nestes processos avaliativos. Esse não é o foco desta pesquisa, mas se entrelaça aos pensamentos sobre indisciplina. Para Sotoriva (2007, p. 7) os efeitos na formação profissional e pessoal são cruéis, pois ela diz: “A percepção sobre indisciplina poderia, assim, nos dizer sobre os valores, crenças, saberes e referências culturais dos professores”.

A concepção de avaliação que fundamentou essas iniciativas foi a de criação de uma forma de controle social por meio da aferição e publicidade dos desempenhos escolares. Acredita-se, nessa concepção, que a exposição pública dos resultados dos desempenhos escolares, por meio da publicidade da classificação das “melhores” e “piores” escolas em um ranking, estimula a melhoria da qualidade do

ensino, ao articular os princípios de “prestação de contas” à sociedade com a “responsabilização” das instituições (ou dos alunos) pelos resultados escolares (Machado, 2003, p. 197).

Portanto, o professor além de ser rotulado, positiva ou negativamente pelo resultado das avaliações, ainda recai sobre ele tantos outros problemas ocasionados no ambiente escolar, inclusive a indisciplina. Oportuno dizer que as interações existentes entre **professor-aluno/aluno-professor** pode romper as barreiras dessa estrutura e uma forma válida é se dá através de estudos, pesquisa e prática educacional, objetivando o acolhimento e respeito, enquanto educadores, Aquino (2011, p. 17) ressalta:

Como se pode deduzir sem muito esforço, o cotidiano escolar contemporâneo parece converter-se paulatinamente numa maquinaria messiânica de correção e melhoramento das coisas e das pessoas, por meio da ativação de uma infinidade de mecanismos de assujeitamento e de controle produtivo das existências.

A citação de Aquino (2011) nos leva à definir a sala de aula como espaço de interação, é estar em contato com o outro, é **existência**, é tocar, é estar, é ser, é vivenciar experiências enquanto sujeito. Percebemos a seguir, que muitas vezes a indisciplina escolar é vista como uma falta de limite imposta pelos pais.

Discursos comumente enunciados em contextos educativos como a escola só ensina. Educação vem de berço demarcam não só a descrença para com a capacidade docente de gerir um grupo ou uma defesa de que esse é um trabalho que não compete a essa instituição, mas também uma ideia de que a escola é um espaço onde só ensina (Rodrigues, 2016, p. 16).

Portanto, nesta perspectiva, o aluno não educado corretamente em casa será uma aluno indisciplinado na escola e não conseguirá aprender o conteúdo aplicado, considerando esse pensamento como correto, a indisciplina não seria responsabilidade, nem da escola, nem do Sistema de Ensino.

Estudar indisciplina vai muito além do olhar apenas um ponto de vista, precisamos olhar o todo como afirma a Oliveira e Godinho (2012, p. 11) em um estudo realizado:

Demonstrou-se neste estudo que as causas da indisciplina são múltiplas e estão relacionadas à sociedade, família, escola, professor, além de outros fatores. Percebe-se então que o meio de convívio dos alunos os influencia grandemente para atos indisciplinados, e para que esta questão seja amenizada e/ou evitada no ambiente escolar é necessário uma coesão entre escola, família e sociedade.

A normatização da indisciplina na escola faz com que esse processo de coesão não seja facilitado, dando abertura apenas para o pensamento atual da educação, que saboreia o autoritarismo, mascarado de autoridade e seus ideais rotuladores.

Estudar a indisciplina é transpor barreiras difíceis, porém possíveis, é de certa forma se fortalecer em meio ao caos e buscar a construção de um educador que vivencie a sua autenticidade. Penso que a vida é movimento, e se manter estático, por opressão, é uma forma cruel de viver; essa opressão infelizmente, ainda está na escola, não na forma de palmatória como a tempos atrás, mas mascarada de muitas outras maneiras.

Uma dessas maneiras está associada às punições, o aluno considerado “indisciplinado” pela ótica da escola/professor, recebe diversas sanções, como: ser colocado para fora da sala de aula, receber uma advertência, suspensão, todas essas punições não encaram a indisciplina, nem o porquê esse aluno é considerado “indisciplinado” apenas priva o aluno da sua aprendizagem, reforçando a ideia já trazida de que o Sistema Educacional e a Escola já normalizaram essa dinâmica. Sendo assim volto a ressaltar os pensamentos de Aquino (1998), Freire (1996) e Estrela (2016).

A autenticidade do ensinar estará sempre aliada a prática, e toda a preocupação com a “**quantificação**” da aprendizagem, a exposição em gráficos e tabelas, toda esta postura de excluir o aluno pelo o que ele é, mostra apenas a preocupação em empresariar o conhecimento, simplificando a cognitividade humana, diminuindo o sujeito enquanto espécie, tirando das salas de aulas a vivência do “**aprender**” e do “**experimentar**” do (tentar-errar-acertar-repetir-refazer-criar) para anular o “**encantamento**” e facilitar o manejo político.

As indagações levantadas são de suma importância para a temática Indisciplina e Arte, pois o indivíduo em questão, o aluno considerado “indisciplinado”, está sendo interpretado pela escola da maneira que a convém, sem observar aspectos como a formação docente.

Para Estrela (2016, p. 5) elas estão ligadas diretamente a construção do conhecimento, ela diz: “Numa linguagem freireana, toda a formação é uma procura intencional, de um ser marcado pela incompletude, de ser e mais ser, visando a autonomia e a emancipação da pessoa.”

Portanto, as emoções criadas dentro da sala de aula e conseqüentemente na escola, podem favorecer ou prejudicar o aluno. A autora ressalta algo muito importante

que é sobre a forma que os alunos veem o professor e que isso também impacta na formação deste aluno.

A partir do que apresentamos até aqui, precisaremos, como diz Freire (1996), de uma retidão ética e estética, dialógica em sua plenitude, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” para que esses “ideais” que Freire nos apresenta sejam vistos com os olhos da boniteza no ensinar.

Em meio a todo “CAOS” educacional exposto até aqui, e as dificuldades expostas no trato com a indisciplina escolar, buscamos a associação da Indisciplina e Arte como uma forma de entender o “Caos” da disciplina arte dentro do “CAOS” deste contexto educacional.

O título que buscamos para essa dissertação tem como objetivo o movimento deste Caos dentro da educação, e as interações que ele ocasiona, claro que partimos de um pequeno recorte, onde veremos apenas as interações de alunos considerados “indisciplinados” nas aulas de arte, porém acreditamos que nas aulas arte as interações entre sujeitos ocorrem de formas diferentes, assim afirmamos o pressuposto de que nas aulas de arte os alunos se sentem mais livres para expor suas emoções, e o que é visto como indisciplina podemos observar como criatividade.

Assim, **Da ordem ao “Caos”**: um olhar para a indisciplina nas aulas de Arte contém as palavras necessárias para o entendimento dessa amplitude de ideias, que percorre o atingível e o não atingível, dentro da educação e que busca dentro dos dados coletados trazer uma contribuição para o então chamado problema da educação atual, “indisciplina”

Na próxima seção daremos continuidade à apresentação do referencial teórico utilizado na pesquisa, em um quadro que contém o levantamento bibliográfico das pesquisas, justificando a lacuna que existe nos repositórios sobre a temática “Indisciplina e Arte”.

Assim sendo, com todas as reflexões e pensamentos expostos, “Arte” é objeto de estudo escolhido para olhar a indisciplina através dela.

Seção 2 - Fundamentação Teórica

Como já dito, esta seção tem como objetivo apresentar elementos teóricos que fundamentam a pesquisa considerando-se o levantamento de pesquisas e a revisão bibliográfica.

Para construir esta seção diversos textos e autores foram estudados, como Aquino (2011), Vasconcelos (2009), Freire (1996), entre outros. E, ainda que, em alguns textos o foco não estivesse na indisciplina ou na Arte em si, podemos considerar aspectos relativos à educação que contribuíram para a visão construída.

Esta seção será composta por sete subseções, como já explicamos na introdução, cada uma delas tem o objetivo de conceituar o olhar teórico da indisciplina da arte.

A primeira subseção contém o levantamento e revisão bibliográfica, nela contém os estudos pré realizados e os estudos relevantes para a pesquisa.

2.1 Levantamento e Revisão Bibliográfica

O levantamento bibliográfico é a fonte onde bebemos ideias, diversos autores as rabiscam para definir algo, importante ou não, valorizado ou não, ela se torna um meio concreto de palavras inacabadas em seus significados, flexíveis na busca de uma ação, que nos leva ao conhecimento.

Para esse estudo fizemos um levantamento bibliográfico em que o foco era encontrar autores que pesquisaram e escreveram sobre Indisciplina, precisamente indisciplina e Arte, fazendo um diálogo entre esses dois temas. Mas percebemos que ao pesquisar, Indisciplina e Arte, o levantamento identificou apenas um artigo, que as relacionava, este artigo trazia o tema pichação, demonstrando uma lacuna teórica na relação entre esses dois termos da pesquisa.

Por outro lado, quando pesquisamos apenas o termo indisciplina, nos deparamos com mais de dois mil textos, organizados entre teses, dissertações, artigos e monografias e observamos uma crescente de publicações nos últimos vinte anos.

O levantamento foi realizado também colocando as palavras “Teatro e indisciplina” e “Artes visuais e indisciplina”. Não obtivemos um resultado significativo, o que fortalece o entendimento de que os estudos realizados na dissertação

contribuirão como uma nova fonte de pesquisa, onde exista a relação entre os termos Indisciplina e Arte.

O quadro a seguir apresenta o levantamento realizado em alguns repositórios como, Scielo, Capes e outros, no período de março a junho de 2023 e que evidencia a lacuna que existente. O quadro está dividido da seguinte forma:

1. Pesquisa sobre Indisciplina
2. Pesquisa sobre Indisciplina e Arte
3. Pesquisa sobre Indisciplina e Teatro
4. Pesquisa sobre indisciplina e Artes Visuais

Levantamento Bibliográfico

Quadro 1 - Indisciplina

Base de pesquisa	Tema	Quantidade	Data da pesquisa
BPTD		696 total 518 dissertação 178 Tese	20/05/2023
	Educação	55	
	Indisciplina	51	
	Escola	27	
	Formação de professores	19	
Scielo		53 total 53 artigos	20/05/2023
	Educação	39	
	Psicologia	4	
Capes		546 total 543 artigos 18 livros	20/05/2023
	Psicologia	82	
	Psicologia na escola	77	
	Social	47	
	Educação	37	

Fonte: o próprio autor a partir da análise

Quadro 2 – Indisciplina e Arte

Base de pesquisa	Tema	Quantidade	Data da pesquisa
BPTD		47 Total 36 dissertações 11 teses	22/05/2023
	Arte e pixação	1	
SCIELO	Psicologia	1 Artigo	22/05/2023
CAPES	Psicologia 30 Social 11 Interdisciplinar 8	145 Artigos	22/05/2023

Fonte: o próprio autor a partir da análise

Quadro 3 – Indisciplina e Teatro

Base de pesquisa	Tema	Quantidade	Data da pesquisa
BPTD		Nenhum resultado	26/05/2023
SCIELO		Nenhum resultado	26/05/2023
CAPES		Nenhum resultado	26/05/2023

Quadro 4 – Indisciplina e Artes Visuais

Base de pesquisa	Tema	Quantidade	Data da pesquisa
BPTD		5 Total	02/06/2023
	Formação de professor	1 dissertação	
		4 repetidos na indisciplina	
SCIELO	Nenhum resultado		02/06/2023
CAPES	Nenhum resultado		02/06/2023

Fonte: o próprio autor a partir da análise

Com base na quantidade de artigos encontrados para a revisão bibliográfica desta pesquisa, percebe-se que ainda existe um número muito pequeno de pesquisadores que investigam a indisciplina partindo desta ótica e não existe nem um artigo dentre os que foram lidos e estudados que tratam especificamente da relação que possa existir entre indisciplina e arte.

2.2 O conceito de Indisciplina

Para o referencial teórico utilizamos os estudos de Aquino (1998), que defende que se existe indisciplina, existe então, uma inquietude do ser “indisciplinado”, uma insatisfação com o meio em que ele está inserido, neste caso a escola.

Para ele, a indisciplina é o grande problema da educação atualmente, e deve ser visto como um alerta social, para possíveis mudanças e todos os impactos que a não mudança pode acarretar a construção coletiva da sociedade, sobre o viés educacional, seu olhar de psicólogo, relaciona a indisciplina às interações do sujeito com o meio e com a forma de se relacionar com ele.

Ressalta-se ainda que a experiência vivida, sentida no chão da escola, as experiências que muitas vezes nos paralisa, mediante as difíceis situações escolares, acaba nos enfraquecendo por um lado e nos fortalecendo por outro. Essa fraqueza nos leva a dois tipos de ação, a de acomodação, que faz com que nos conformemos com as dificuldades escolares e tudo que as envolve, ou a de enfrentamento, onde somos movidos a buscar novas estratégias e metodologias que permitam a saída dessa paralisação.

As interações pessoais saudáveis e a construção coletiva da aprendizagem permitirão uma troca dialógica como propõe Freire, uma troca pautada na ética e estética docente, trilhando o caminho da boniteza no ensinar, mesmo onde existem dificuldades.

Os estudos de Aquino (1998), aliados a autores como Sotoriva (2008), Garcia (1999), Vasconcelos (2009), Souza (2012) norteiam um olhar crítico e sensível para a dissertação, criando uma dialética entre teoria e prática, costurando ideias, e formando uma colcha de retalhos, para acalantar, tantas e tantas indagações.

Entendemos que a indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. Mas, além de constituir um ‘problema’, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

Segundo Aquino (1999), a indisciplina não é estática e nem uniforme, além de ter relação direta com valores e expectativas que variam nas diferentes culturas e sociedade de acordo com o tempo. Seus estudos mostram o quanto essa temática cresceu nos últimos vinte anos e como o aspecto social tem muita relevância na

construção da indisciplina. Aquino (1999) afirma ainda que ela existe independente de nacionalidade ou classe social, ou seja, é uma dificuldade instalada e existente em toda a educação.

O autor também aponta que a indisciplina é o maior problema das escolas brasileiras atuais, que possuem índices de evasão escolar e retenção que se aproximam dos países africanos, como Nigéria e Sudão. E a partir do que o autor considera uma baixa qualidade de ensino para os que ficam na escola, esse cenário forma um efeito que Aquino intitula como “fracasso dos incluídos”. Porém, o autor ressalta, e concordo com ele, que a escola tem – ou deveria ter – fundamental importância na vida do cidadão, pois, através dela ele consegue estabelecer uma melhor relação com as oportunidades que o mundo oferece.

Alunos incluídos, desta forma, nos exclui enquanto educadores, e como já citei, nos mecaniza.

Pelo exposto, consideramos a necessidade de se pensar uma escola que consiga acolher a todos, dentre as suas diferenças, com metodologias de ensino que não podem ser estáticas, procurando estabelecer um aprendizado que não será o mesmo para todos, saindo assim da padronização educacional.

Souza (2012), na mesma perspectiva, afirma que a indisciplina sinaliza para algo que não está bem na educação e no ambiente escolar e que mudanças são necessárias, para o melhor desenvolvimento do aluno do professor e, conseqüentemente, para toda a escola. Ressalta ainda que, a indisciplina engloba diversos aspectos relacionados à família, sociedade, escola, professor e a forma como tudo isso interage entre si e no ambiente escolar.

Do nosso ponto de vista, os professores, por sua vez, estão com o olhar apenas para o aluno obediente que não conteste as suas verdades e o seu conhecimento. Podemos perceber, com base nessas afirmações, que a didática estática e sem flexibilidade contribui muito para a “indisciplina”, pois, o “**modelo tradicional**” de escola e de aprendizagem coloca todos os alunos no mesmo “molde”, o disciplinar, independentemente da sua individualidade.

Sabemos que investigar a indisciplina não é uma tarefa fácil, porém, muito importante para a educação.

Assim, para Aquino (1998), temos o “aluno problema” que é assim avaliado a partir de certos supostos que, por sua vez, podem ser classificados como cognitivos (os tais “distúrbios de aprendizagem”) ou comportamental (e nessa última categoria

enquadra-se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de “indisciplinadas”).

Porém, independentemente de o problema da indisciplina ser algo instalado no ambiente escolar e ser pouco estudado dado a sua amplitude, podemos pensar nesse “aluno problema” e na forma de lidar com ele como um exercício constante da prática docente e, assim, fazê-la com excelência para todos os alunos, sejam eles indisciplinados ou não.

Para isso, precisamos retirar de nós, educadores, pensamentos enraizados e pressupostos já estabelecidos e nos render ao encantamento de uma docência realmente para todos, aprendendo a escutar os sinais individuais que alteram o “comum”. Não podemos esquecer, como afirma Aquino (1998), que a prática docente com competência e prazer assume o enfrentamento de qualquer questão dentro do contexto educacional, e que essa é a grande responsabilidade de todos os educadores.

Ainda dentro deste pensamento, volto ao início, quando referenciei Freire (1996), onde ensinar exige retidão ética, e o encontro do meu “eu” educador e da reflexão sobre a minha prática educativa, que irá me livrar do julgamento de classificar os alunos em disciplinados ou não, e sim, trará o acolhimento com a generosidade para o educar.

Sendo assim a Indisciplina seria um problema? Ou estaria apenas sendo vista desta forma, por ser a forma mais simples de se olhar para ela; afinal, é só aplicar as punições cabíveis aos alunos considerados “indisciplinados” e a escola segue com este “problema” solucionado, enfim.

Quando perguntamos sobre “indisciplina”, a resposta do senso comum é sempre no sentido negativo e de certa forma na educação não é diferente. Sobre o olhar de Yves de La Taille (2016, p. 10), podemos ampliar a nossa visão no que diz respeito ao conceito de disciplina e indisciplina se, entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas.

Nesse sentido, Yves de La Taille (2016) pontua a indisciplina como oposição à disciplina. Sendo assim, disciplina seria o que é correto, bom, o que segue a ordem; e indisciplina seria justamente o oposto disso.

No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo caso pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

A indisciplina normalizada dentro da escola, como já citamos na introdução, está se tornando algo corriqueiro e que a atenção dada deve ser apenas com relação a punições, sendo que a forma punitiva de tratar a indisciplina escolar, a indisciplina na sala de aula só aponta para o desconhecimento do tema, torna se algo prejudicial.

O aluno rotulado pela indisciplina está sendo excluído da sala de aula e, conseqüentemente, como já abordamos, da aprendizagem. Portanto, dentro da escola, ambos os casos citados por Yves (1996) são pertinentes, no primeiro, alunos se opondo às regras, o tempo todo; e questionando o porquê elas existem; e alunos quebrando regras sem ao menos conhecê-las, sem a consciência, de que as estão quebrando.

Em um de seus livros, Aquino (1996) apresenta-nos a letra da música “estudo errado” de Gabriel Pensador, para começar a indagação a respeito do que estamos fazendo na escola.

A letra questionadora traz os seguintes dizeres: “Eu tô aqui pra quê? Será que é pra aprender? Ou será que é pra aceitar me acomodar e obedecer?”.

Porém, podemos fazer outra observação, a saber, levando em consideração que o autor supracitado usou nessa letra para elaborar suas reflexões, em 1998, considerando-se que a música foi escrita em 1995, observando uma realidade educacional daquele momento e que existe ainda hoje em 2024. Os questionamentos trazidos por Aquino (1998) se fazem atuais.

A indisciplina como o maior problema da educação atual em sala de aula, como abordado pelos autores Aquino (1996) e Vasconcelos (2009), sinaliza que precisamos de uma mudança, não só nas reflexões das práticas educativas, como também no Sistema Educacional como um todo.

Aquino (2016) constrói o pensamento da escolarização e práticas educativas de três formas, o que **ele** chama de “tríade da escolarização”. A epistêmica, a socializante e a profissionalizante.

Na primeira, a epistêmica, estaria em evidência o conhecimento geral da sociedade e onde a criança ou adolescente estariam recebendo os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Na segunda, estaria a relação entre os sujeitos e a forma como eles interagem. Já na terceira seria a formação para o trabalho.

Portanto, devemos perceber a escolarização e as práticas educativas, relacionando-as com a escola e com os sujeitos inseridos no contexto, porque só assim, começaremos a reformular nosso pensamento com relação a inquietude por trás da indisciplina escolar.

Aquino (2016, p. 40) afirma que para começar a pensar sobre essa inquietude, é necessário um recuo de pensamento e pergunta: “Quais os significados da indisciplina escolar? E quais os recursos possíveis de enfrentamento do tema quando tomado como objeto de reflexão e/ ou problema concreto?”.

A partir das duas questões podemos perceber que o aluno não deveria se submeter às regras de convívio, ou não ter condições psicológicas de acompanhar o conteúdo escolar, manifestando a indisciplina e a colocando em evidência, constata um problema concreto, onde as reflexões serão o ponto de partida para os apontamentos levantados.

A indisciplina em sua configuração educacional já está sendo abordada como “um obstáculo pedagógico”, como ressalta Aquino (1998).

Para ele, a indisciplina passou a se configurar como um problema interdisciplinar, transversal à pedagogia e que será necessário um trabalho geral do maior número de áreas em torno das ciências da educação para que ele seja realmente solucionado. O que aconteceu nos últimos anos foi que a indisciplina se tornou tão relevante na educação, se tornando um problema tão grande, que é tido para ele como “um obstáculo pedagógico”.

Aquino (2016) defende através de seus textos sobre indisciplina, que antes não era assim. O professor era detentor da autoridade e não fazia parte da carreira docente lidar com a indisciplina.

A partir destes fatos, o autor coloca algumas questões importantes para defender o pensamento de que a indisciplina aponta para um caminho de insatisfação com o modelo atual do Sistema de Ensino na Educação, mostrando que o mundo mudou, os alunos mudaram, a sociedade mudou, porém, a escola continua organizada, na sua configuração inicial. Para Aquino (2016), a escola é o reflexo da sociedade que mudou, só que a mesma, não consegue acompanhar tais mudanças.

Portanto, Aquino (2016) observa esse fenômeno “indisciplina” de dois pontos de partida: o olhar sócio-histórico e o olhar psicológico. Para ele:

Se admitirmos que as práticas escolares são testemunhas (e sempre protagonistas) das transformações históricas, isto é, que seu perfil vai

adquirindo diferentes contornos de acordo com as contingências socioculturais, temos que admitir também que a indisciplina nas escolas revela algo interessante sobre os nossos dias (Aquino, 2016, p. 41).

Sobre o olhar histórico, Aquino (2016) ressalta que com a crescente democratização política do país e em tese a desmilitarização nas relações sociais, uma nova geração se criou. E que temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso.

“De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis muito bem delineados: o primeiro um general de papel e o segundo, um soldadinho de chumbo” (Aquino, 2016, p. 43). E o saudosismo presente na escola atual, tem relação direta com esse movimento educacional, que o autor compartilha.

Segundo Aquino (2016), a “disciplina escolar” sempre esteve moldada, entre o sujeito que manda e o sujeito que obedece, e que o autoritarismo e as relações de poder prevaleciam na escola de antes.

Assim, um dos pontos do conflito escolar hoje está justamente no aluno que não aceita mais essa submissão e o professor que saúda esse modelo de ensino, como um modelo ainda a ser seguido, nos levando a pensar sobre como esse saudosismo interfere fortemente no nosso modelo escolar atual. Para este autor, a indisciplina seria sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito, sendo ocupada por outro.

Nesse sentido, ele ainda ressalta que a indisciplina seria uma forma legítima de resistência e de novos significados e funções, mesmo que ainda insuspeitos à instituição escolar.

Sobre o olhar psicológico ele aponta para uma carência psíquica infra estrutural, e ressalta que não se deve observar o fenômeno como algo apenas particular ou individual, mas sim de adventos psicossociais e que, sendo assim, as raízes estão na noção de autoridade e que é necessária uma infraestrutura psicológica moral anterior à escolarização.

Aquino (2016) aponta que muitos educadores reclamam que os alunos estão carentes de parâmetros tais como saber se portar em grupo, seguir as regras de convivência, saber lidar com o outro de forma social, sabendo conviver em grupo etc., e que muitas vezes o aluno se coloca com agressividade, rebeldia, indiferença e

desrespeito. A escola, por sua vez, não consegue solucionar essa situação, pois, para ela, caberia à família oferecer esses parâmetros de convivência social.

Porém, Aquino (2016) deixa claro que a família e a escola são as instituições responsáveis pela educação no sentido mais amplo e que o processo educacional depende da articulação destes dois âmbitos.

Nos deparamos então, como Aquino (2016) diz, com um agravante, pois a escola e a família precisam trabalhar juntas e o que vemos é que cada dia mais a escola está sobrecarregada desempenhando um papel que não é só dela. Assim, ela tem perdido o seu verdadeiro sentido, que seria o do conhecimento cultural e educacional se esbarrando apenas no sentido disciplinador do ensinar.

Como o autor aponta em outro texto (Aquino, 2016), as práticas pedagógicas concretas estão mais voltadas para as questões psíquicas/morais do aluno do que para a tarefa epistemológica.

Ele conclui que o aspecto psíquico gera uma insatisfação pelos protagonistas escolares – os alunos – que questionam o porquê de aprender determinada matéria. Os professores, por sua vez, questionam a família por não dar aos alunos a formação moral/social adequada para seguir as regras estabelecidas na escola.

Mediante a isso, as dificuldades existentes em articular família e escola, como pertencentes a um mesmo propósito, a educação do aluno, parece haver uma crise de paradigmas, quer nas relações familiares, quer no corpo das ações escolares. Essa crise faz com que se perca o grande sentido do ensinar e que o acesso à educação é, sem dúvida, a forma mais efetiva de se encontrar no exercício da cidadania. Nos dois pontos de vista citados anteriormente a indisciplina está presente – uma na forma de autoritarismo e outra na forma de conceito de autoridade. Quando estabelecemos uma relação entre esses dois pontos de vista, percebemos que a mudança sociocultural do sujeito é o ponto de partida para uma possível análise.

As famílias mudaram, se adaptaram a outras formas de junções familiares, outras estruturas que não cabiam na sociedade e não eram aceitas, hoje se fazem presentes e muitas dessas mudanças afetam diretamente a escola, os alunos e os professores. Porém, a escola ainda está moldada na forma das famílias sociais de outrora, o que dificulta que a mesma, perceba os novos sujeitos, o novo aluno, e sem essa percepção, cada vez mais a indisciplina vem se fortalecendo e se normalizando nas relações escolares.

Ora, não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente a estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Nas palavras do autor:

Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico. A nosso ver, a indisciplina configura um fenômeno transversal a estas unidades conceituais (professor, aluno, escola) quando tomadas isoladamente como recortes do pensamento. Ou melhor, indisciplina é mais um dos efeitos do pedagógico, mais adversidades da relação professor - aluno, para onde afluem todas essas “desordens” anteriormente descritas (Aquino, 2016, p. 48).

Aquino (2016) traz essa relação professor-aluno como um recorte para a indisciplina apontando encaminhamentos para essa problemática. Ele não vê uma forma de ultrapassar esse obstáculo pedagógico a não ser através dessa relação.

Ressalta ainda que o professor e o aluno são parceiros de um mesmo jogo e com esse apontamento de solução surgem diversos questionamentos, principalmente com relação a infraestrutura moral do aluno e toda a dificuldade de lidar com ela. Ele diz: “se o professor pautar os parâmetros relacionais no seu campo de conhecimento, ele certamente será capaz de reinventar a moralidade discente” (Aquino, 2016, p. 51). Assim, o autor deixa claro que não é para o aluno ficar estático, calado, obediente em sala de aula.

A questão, segundo Aquino (2016), é transformar essa inquietude, essa desordem, em uma nova ordem. Quando começamos a refletir sobre a indisciplina escolar levantamos diversos apontamentos e percebemos o quanto é um assunto delicado. Refletindo sobre a prática e a teoria de Aquino percebemos que realmente essa nova ordem, no sentido da interação, é que deve prevalecer no ambiente de sala de aula.

Quando aquietamos os nossos alunos com regras e castigos, não estamos jogando um jogo de parceria, mas sim jogando o jogo do ganhar, ganhar no sentido de poder, no sentido de “oh como essa sala está quieta”, “nossa como esses alunos são bons”, “como são obedientes”. Pensemos, esse ganhar, com tudo que foi evidenciado por Aquino, vale a pena? Analisamos que depende muito da forma com que este educador se coloca, e para os que se colocam assim, sempre valerá.

A Indisciplina e Arte como objeto de pesquisa, parte do pressuposto de que, nas aulas de arte, onde criação precisa estar presente, o aluno se encontra livre,

sabendo que para a criação não há regras, e que assim ele poderá permear espaços desconhecidos, poderá errar e errar e errar, aprendendo que errar, nada mais é, do que aprender.

Segundo Dewey (Barbosa, 2001, p. 10): “É em função do modernismo e já respondendo e se opondo ao conceito modernista de expressão que Dewey constrói a teoria da arte como experiência”.

Assim, não podemos dar ao aluno apenas certezas, sem experimentações, sem questionamentos, sem trocas. Crianças e jovens, por incrível que pareça, são absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite à descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado nesse microcosmo que é cada sala de aula.

“Entretanto, a tarefa é intrincada pois pressupõe sempre um recomeço, a cada aula, a cada turma, a cada semestre” (Aquino, 2016, p. 52). Aquino (2016) ressalta que o papel da escola passa a se fomentar a questão do sujeito na desconstrução e reconstrução, sendo que toda aula parte de um conceito. Além disso, é necessário reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, pois isso estimula o aluno a aprender e, dessa forma, ele se torna semelhante ao professor e a troca de experiências acontece.

Assim, o aluno também é responsável em fazer rodar a engrenagem da aprendizagem. O autor ainda aponta que a indisciplina, dessa forma, pode se tornar um movimento organizado em torno de ideias, conceitos e proposições formais, resignificando o conceito. Ou seja, tanto a disciplina como a indisciplina passam a ter o mesmo valor.

Para uma construção negociada desta prática, ele ressalta três aspectos necessários:

- Primeiro a importância de vínculos concretos, o que seria tirar o padrão formal dos sujeitos – seria um novo olhar para o conceito do ser aluno e do ser professor.
- O segundo aspecto seria a fidelidade do contrato pedagógico, pois esse contrato responsabiliza todos os envolvidos a participarem efetivamente da aula e mesmo que muitas vezes precise ser lembrado e relembado em sala de aula é necessário fazê-lo.

- O terceiro seria a permeabilidade para a mudança e para a invenção, pois, segundo ele, o aluno concreto do dia a dia faz com que sondemos novas formas de ensinar, e essa mudança, não só é necessária.

Para Aquino (2016, p. 54) é algo essencial: “dessa forma, o lugar do professor tornar-se também um lugar de passagem, de fluxo de vida. Se não o aluno desaparece, torna-se plateia silenciosa de um monólogo sempre igual”.

E assim seguimos absorvendo a teoria em torno da Indisciplina, ela seria então um problema? Uma solução? Um novo conceito? Como colocá-la, mediante a tantos apontamentos e reflexões, surge então o ponto para a questão de pesquisa.

Como se dá as interações de alunos considerados “indisciplinados” nas aulas de arte? Será que essa “indisciplina” pode ser vista da mesma forma nas aulas de arte? Qual o movimento que os alunos fazem, para não existir o “Caos” ou se o “Caos” não seria a forma de interação que mais se adequa a aula de arte ? E buscando uma resposta seguimos refletindo sobre as ideias de Aquino. Será que a indisciplina não seria a única forma que esse aluno encontrou de se sentir pertencente a escola de agora?

São muitas perguntas. Porém, não responderemos todas elas, mas levantamos o ponto de reflexão através delas, pois poderão contribuir com o desenvolvimento não só desta pesquisa, mas também de outras que poderão surgir através dela.

A disciplina de Arte instiga uma relação de parceria e aceitação da inquietude humana, logo acolhe a inquietação do aluno, logo ordem e desordem passam a ser relativas.

Segundo Machado (1972, p .12):

Num sistema educacional bem equilibrado, no qual se acentua a importância do desenvolvimento integral ,a capacidade intelectual, os sentimentos, as faculdades perceptivas de cada indivíduo e a criatividade devem ser igualmente desenvolvidos.

Concluimos nesta seção que os estudos de Aquino (1998, 1999, 2008, 2016), estarão presente em toda a construção da dissertação, pois, através dos seus pensamentos, percebemos que a indisciplina escolar não só é o grande problema da educação atual, como também está longe de ser vista na sua natureza de inconformidade. A seguir traremos a subseção incivilidade e indisciplina, e o quanto as ações de violência estão associadas a indisciplina.

Sabemos que o assunto é bem amplo e os questionamentos em torno dele também, inclusive com relação a um racismo velado, tendo em vista que a maioria dos alunos considerados “indisciplinados” são negros, como eu pude constatar durante essa pesquisa e puni-los é mais fácil do que entender toda sua ancestralidade e inquietude, não aprofundaremos sobre este olhar, pois não se trata do foco da pesquisa, mas se faz necessário registrar a relação entre indisciplina e punições que ocorrem através dela, para com alunos negros.

2.3 Incivilidade e Indisciplina

Apresentaremos nesta seção as ações de violência escolar no aspecto da incivilidade/indisciplina.

Embora a instituição escolar tenha intenções civilizatórias e disciplinares, tem mostrado sinais crescentes de indisciplina, inatividade e violência. Sem se distanciar da situação histórica mais ampla que permeia a escola, encontra-se uma fonte de instabilidade disciplinar em seu projeto normativo e educativo, que vem se desenvolvendo nas escolas, diante de situações de Incivilidade/Indisciplina. Os educadores por sua vez, precisam administrar suas obrigações e as formas de conseguir lidar com essas situações, sem um plano efetivo para isso.

No ambiente escolar, principalmente nas últimas décadas, a indisciplina vem tornando-se uma expressão comum, como já vimos nos estudos de Aquino (2008), que apontam que professores convivem com isso diariamente.

A indisciplina desta forma cria um cenário indesejável, principalmente nas salas de aula, onde ela persiste; conquistando um lugar significativo para o impedimento da aprendizagem do currículo, pois as punições que elas ocasionam retiram alunos considerados “indisciplinados” da sala de aula, deixando os de fora da aprendizagem do currículo em si.

A noção de indisciplina escolar tem ampliado as representações encontradas por professores, que usam esse nome para aludir ao que alguns teóricos, como Bernard Charlot, chamam de “**Incivilidade**”.

Segundo a caracterização proposta por Charlot (2002, p. 437) “as incivildades referem-se a comportamentos que contradizem as regras de boa convivência”, ressaltando ainda, que as “ações de violências, não são necessariamente um movimento de agora, e sim algo que vem se moldando socialmente no decorrer dos

tempos”, porém, hoje percebemos novas formas de ações violentas, refletindo o social, através delas.

As manifestações de violência apontadas por Charlot (2002, p. 434) são vistas por ele como sendo: “pressões psicológicas, humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou bullying”, inerentes a esta dimensão.

Para Charlot (2002) existem alguns aspectos sobre essa violência:

- O surgimento de violências muito mais graves que antigamente, como homicídio, estupro e agressões com arma.
- O fato dos jovens que estão se envolvendo em atos violentos serem cada vez mais jovens, com idades que variam entre oito e treze anos.
- A escola não se apresenta como um lugar seguro, e ocasionalmente, as rivalidades externas, são finalizadas no ambiente escolar.
- Os atos violentos antes oriundos apenas das escolas localizadas em bairros problemáticos, já se instalaram no contexto geral da educação, sendo um fenômeno estrutural e não mais acidental.

Charlot (2002) indica que existem distinções conceituais difíceis, mas necessárias, e inicia observando essa violência sobre três aspectos, que evidenciados no quadro abaixo:

Quadro 5 – Tríade da violência

Violência na escola	A violência à escola	E a violência da escola
1. Se produz dentro do espaço escolar	1. Está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar.	1. Se caracteriza como a violência institucional.
2. Não tem relação com o ambiente escolar e as atividades nela inseridas.	2. Seriam ações violentas provocadas por alunos contra os professores e funcionários.	2. Estabelece as relações entre as regras existentes e como os alunos se movimentam nelas.
3. A escola seria apenas o local para a manifestação dessas violências, que ocorreriam em qualquer espaço social.	3. Está associada diretamente a violência da escola.	

Fonte: a própria autora a partir da análise

Ainda sobre as ideias de Charlot, a escola que permite “a violência na escola” não criando meios de ressignificá-la, está abrindo um caminho para que ela ocorra,

em todos outros aspectos e observa que se aluno é o principal responsável pela violência na escola, ele também é a principal vítima dela.

Para ele existe uma relação muito mais complexa existente na dinâmica de agressor-vítima, vítima-agressor e, está diretamente associada na relação existente entre ambos. A fragilidade que existe nestes jovens, sobre diversos pontos de vista acumulados se presencia nas ações de violência. É necessário para Charlot(2002) distinguir o que é (violência, agressão e agressividade), pois, apesar de parecidas, diferem-se em individualidade.

Agressividade para Charlot (2002) está ligada a uma dinâmica psíquica, que ele aborda como “Disposição Bioquímica Reacional”, seu desenvolvimento pode ser visto na imagem a seguir:

Quadro 6 – Agressividade



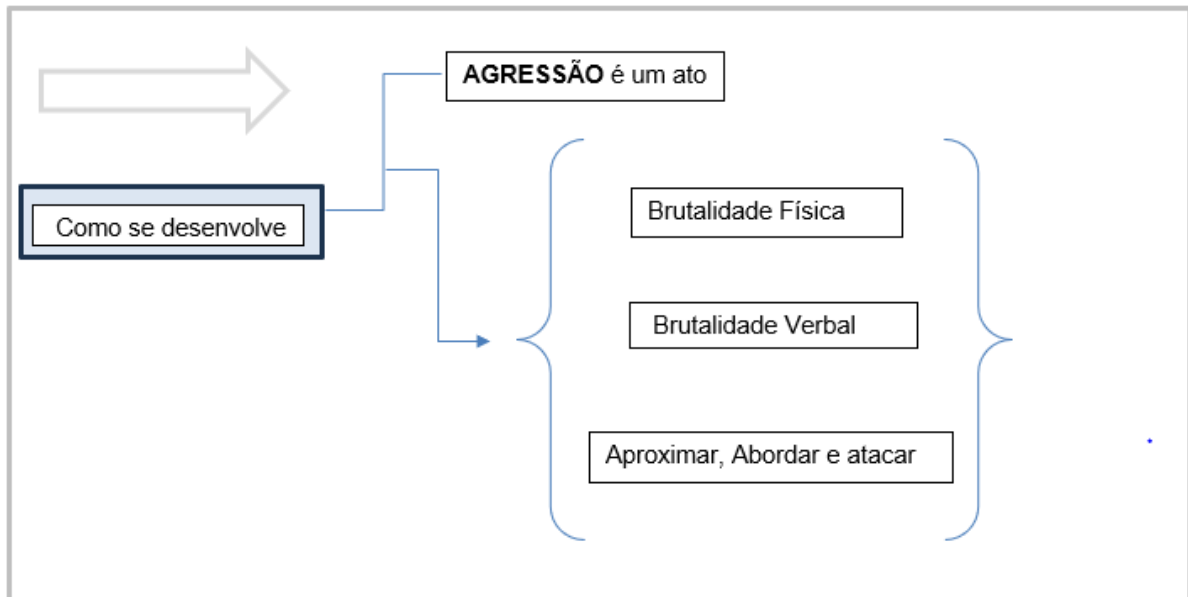
Fonte: a própria autora a partir da análise

Agressividade gera o sentimento de frustração, que desencadeia a angústia que leva o sujeito agressor, novamente para a agressividade, um ciclo ininterrupto.

Enquanto agressão para o autor estaria relacionada aos atos ocasionados pelo sujeito agressor, e o desenvolvimento desses atos.

Como vemos na imagem abaixo:

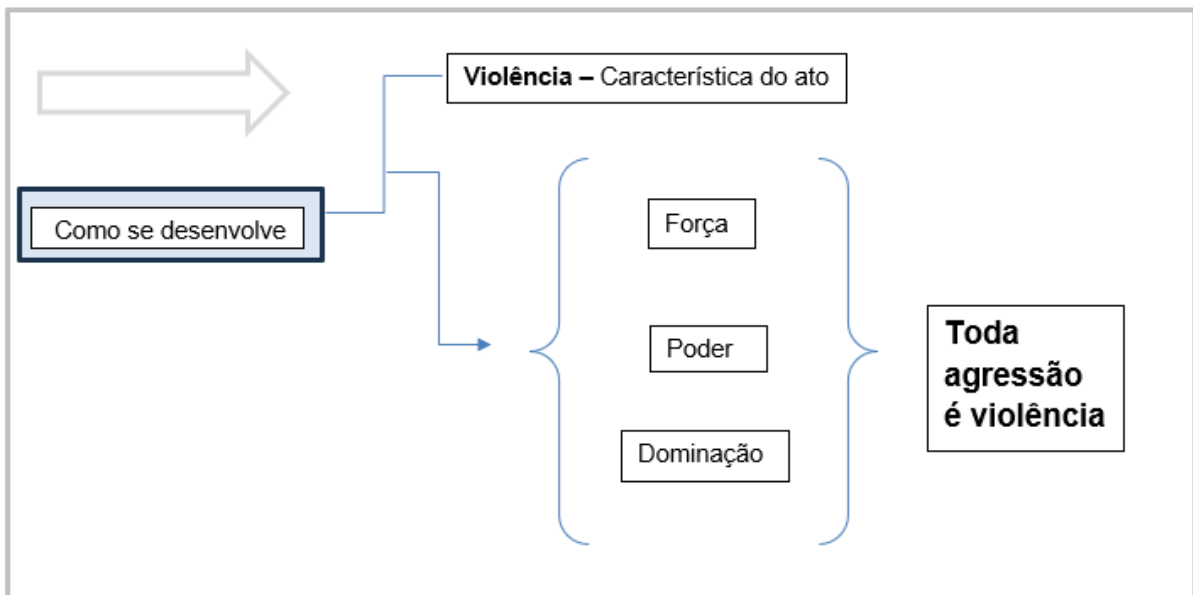
Quadro 7 – Agressão



Fonte: a própria autora a partir da análise

Com relação a violência, Chalot (2002) é bem específico nas suas conclusões, para ele toda agressão é um ato de violência, como observamos a seguir:

Quadro 8 – Violência



Fonte: a própria autora a partir da análise

Quanto a solução para todo esse cenário, o autor não é nem um pouco otimista, ele acredita ser uma ilusão, pensar que irá desaparecer, as agressões, violências e

conflitos, seria o ideal, mas não alcançável, pois para ele agressividade sublimada é a fonte de condutas socialmente valorizadas, através do esporte, da arte, do estímulo à concorrência.

A questão para ele é saber quais as formas de aceitação legítima de determinados conflitos, o que seria aceitável ou não em se tratando de agressividade, e como seria medida essa flexibilidade, se é que poderia existir.

O autor levantou um ponto muito importante em se tratando da escola, ele a coloca como um ambiente na ordem da linguagem e de troca simbólica entre os sujeitos e não se caracteriza, com o uso da força física, por isso ele ressalta a importância de pensar em como retirar a agressividade e violência da escola, como se isso fosse uma solução plausível, mas buscar uma regulação através da palavra e não da própria violência.

No atual contexto histórico do Brasil, a educação vem sendo entendida como um projeto social intimamente relacionado ao desenvolvimento da cidadania. Deste ponto de vista, a estrutura escolar representa um campo importante para esta construção, bem como no aprendizado de sua prática.

No entanto, essa construção depende em grande medida do projeto da escola e das condições específicas que são cumpridas e podem ser definidas pelos diversos atores sociais da instituição. Como já vimos, como isso será possível tendo um Sistema Educacional de Ensino, que classifica os alunos em avançado, adequado, básico ou abaixo do básico? Esta pergunta traz um questionamento sobre aquilo que se quer e aquilo que se tem.

Em muitas escolas, o conceito educacional de praticar e aprender como cidadão parece entrar em conflito com o caos das relações causado por muitos comportamentos incivilizados que ameaçam a coexistência e o seu funcionamento, lançando uma sombra na autoridade dos professores.

A autora neste momento aponta a incivilidade/indisciplina como uma sombra, em relação à autoridade exercida pelo professor dentro da sala de aula, e que os comportamentos incivilizados dos alunos, desrespeitam essa autoridade, prejudicando não só o professor e sua aula, mas também o próprio aluno, em se tratando da sua construção enquanto cidadão.

Partindo deste pensamento, podemos perceber nesta “construção de ideias” para a dissertação, que nos deparamos com muitas contradições e com muito do que ainda não sabemos.

No entanto, os comportamentos não civilizados podem se dar por representarem fatores de instabilidade, podendo ter algo a ver com o projeto civilizatório instalado na escola ao longo dos últimos anos. Nos últimos séculos, esse comportamento antiético tem sido objeto de práticas disciplinares. Na imposição de fronteiras e planos regulatórios arbitrários, condições desiguais de tomada de decisão e relações de poder assimétricas, em particular entre professores e alunos, como sugere Nogueira (2000).

Nesse cenário, “deve-se considerar se as sanções e normas disciplinares praticadas nas escolas realmente fazem sentido” ou se, do ponto de vista escolar, considerando-a não apenas como lugar de educação para a cidadania, mas também como lugar onde se exerce a cidadania. Verificamos que o conceito de sanção disciplinar ainda não foi separado do conceito de punição, e ainda enfrenta o desafio de se considerar um propósito ético (Prairat, 2003).

A evolução do conceito de cidadania, que muito se deve à noção de reconhecimento, nos fornece algumas pistas sobre avanços futuros nas noções de respeito, civilidade, educação e disciplina na escola. Se a desigualdade dificulta o respeito mútuo das pessoas, um senso de reconhecimento, como a adaptação às necessidades dos outros, pode se tornar um terreno fértil para o desenvolvimento das relações escolares.

2.4 Arte, Transgressão e Criatividade

Quando pensamos na disciplina arte, relacionamos claramente a mesma com a criatividade, é quase que intuitivo, para a criação artística, a criatividade e imaginação, como Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013, p. 388) deixa claro nesta afirmação:

É através de um processo de crescimento complexo, determinado geneticamente e pela interação com o meio - podendo ser positivamente facilitador ou não - que a criança se torna um adulto, descobrindo-se equipado com a capacidade para ver tudo de um modo novo, para ser criativo nos detalhes do viver.

Criatividade está diretamente ligada à transgressão e elas se respaldam na teoria do psicanalista Winnicott para defender esse posicionamento, ele através de sua obra, evidencia a vida a partir de três aspectos: “**a realidade psíquica**”, “**a do**

mundo real” e “a da brincadeira”; todas relacionadas a gestação, a infância, a adolescência, a juventude e a vida adulta.

Para ele somos criativos em si, independente da objetividade ou subjetividade, porém o meio em que estamos inseridos pode ser um facilitador dessa criatividade ou não, a criança é criativa no detalhe de viver, na relação que ela tem com os objetos que a cercam, para ela tudo é novo e a criação é realizada de forma única e exclusiva. “Quando cultura e criatividade entram em sintonia, conseguem engendrar-se, produzindo novas terras a serem fecundadas e novas sementes a serem germinadas na educação e na sociedade” (Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013, p. 3/389).

Com essa afirmação podemos perceber que as autoras pontuam a necessidade da experimentação, experimentar objetos, coisas e pessoas, esse desenvolvimento se baseia no aspecto cultural de trocas e vivências, onde se estabelece a conexão com o mundo em que estamos inseridos.

Logo elas ressaltam a importância desse experimentar no processo de constituição da subjetividade e criatividade, elas dizem:

No processo de constituição da subjetividade e, conseqüentemente, da criatividade do sujeito, ocorrem fenômenos interessantes: em um primeiro momento, existe a exigência da repetição e constância das necessidades satisfeitas, quando a criança passa a desenvolver uma credibilidade na realidade, gozando da ilusão de criação e controle onipotente. Mais adiante, em outra etapa, reconhecerá gradativamente o elemento ilusório, o qual lhe permitirá imaginar e brincar. Se a criança não receber a oportunidade de brincar no espaço potencial – intersecção entre a realidade interna e a realidade externa, não existirá área em que possa brincar ou ter experiência cultural (Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013, p. 2).

Primeiro a criança brinca sem a consciência do objeto, em seguida ela organiza essa consciência e brinca no imaginar, vai para o plano do faz de conta, o que podemos reforçar em arte, com as ideias dos “jogos dramáticos”, onde a criança se apropria de um determinado tema e organiza a brincadeira/encenação ou vice-versa, quando a criança consegue se identificar com esse processo gradativamente, ela organiza sua experiência cultural, essas conexões estimulam a troca entre gerações e a criatividade o que para as autoras geram uma sintonia em forma de sementes na educação e na sociedade.

Os pensamentos expostos pelas autoras chamam a atenção pela conexão criada entre comportamento agressivo e transgressão, e a aproximação existente entre esses dois conceitos, com os pensamentos do psicanalista Winnicott elas

afirmam a ideia de que transgressão seria transgredir, agredir as regras, normas instituídas e leis vigentes no país, enquanto comportamento agressivo são ataques aos valores e regras sociais, aos modelos de criação e educação e a conexão entre os dois conceitos. Winnicott (1988 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013), a agressividade está diretamente e indiretamente ligada a frustração e de que forma a energia humana é depositada nesse objeto, a forma de encontro com esse objeto é que desencadeia essa agressividade. As relações objetivas passam a ser notadas pela criança assim que ela passa a se dar conta dos conceitos dos objetos e percebe a relação entre si e algo fora do ego, gerando o impulso agressivo, o que para ele é algo inato.

As autoras colocam que para Winnicott (1988 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013), o impulso agressivo é inato, juntamente como o amor, de forma que, a agressão seja algo de expressão primitiva do amor, a forma como é tratada essa agressividade é que vai possibilitar o entendimento da criança sobre esse comportamento.

Quando focamos o olhar na adolescência as autoras pontuam a importância da escola para o processo de desenvolvimento desses jovens, pois através da escola eles podem fazer uma simulação da vida, o que pode ajudá-los na percepção dos seus limites, inclusive pela agressividade e o quanto o grupo aceitará a criatividade e destrutividade.

Segundo Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013), é salutar lembrar que o estudante turbulento e sua manifestação podem ser, em parte, produto de uma atitude positiva, resultado dos cuidados dispensados àquele jovem durante sua vida de bebê e criança. Ele exorta os adultos a permitirem que o jovem altere a sociedade e os ensine a ver o mundo de modo totalmente novo; aos adultos cabe orientá-lo e protegê-lo de sua destrutividade ainda sem controle. Ao nos depararmos com essa afirmação, percebemos o quanto a relação afetiva saudável é essencial no processo de criação social, uma criança estimulada a perceber objetos, a criar e brincar, a conflitar seus desejos com a frustração estará, em parte, mais consciente sobre sua destrutividade.

Na relação em que Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013) aponta três aspectos da vida, a realidade psíquica, a do mundo real e a da brincadeira, ele aborda o espaço potencial, o lugar onde existe um encontro entre realidade interna e realidade externa, para ele essa é a área do viver criativo, onde as

experiências acontecem, onde o brincar predomina e acontece, onde a construção da realidade objetiva e subjetiva acontece. Nesse sentido, a agressividade, durante o ato criativo, pode ser considerada um ato de transgressão ao poder instituído (Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013).

Ao criar-se algo, destrói-se, inevitavelmente, aquilo que embargava a chegada do original. Normalmente, é a adolescência o período em que o indivíduo mais experimenta seu potencial destruidor e, possivelmente, criativo.

Com essa afirmação podemos perceber a importância da escola na formação do adolescente e, conseqüentemente, na vida adulta, para as autoras o ambiente escolar por ele vivenciado poderá ser favorecido e prazeroso, ou violento e/ou desinteressante, o aluno poderá se tornar um indivíduo criativo ou violento dependendo do ambiente escolar, levando em conta o tripé formado por suas vivências familiares, características constitucionais e ambiente escolar.

Segundo esses estudos, concluímos que a disciplina arte tem uma maior responsabilidade para que o aluno viva o ser criativo, já que a natureza desta disciplina é a criação. A seguir traremos a subseção “A Arte” onde traremos o conceito sobre Arte a sua história e a relação dela com a educação.

2.5 A Arte

A palavra Arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Em sentido lato, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência. Seu campo semântico se define por oposição ao acaso, ao espontâneo e ao natural. Por isso, em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer.

Nessa perspectiva, falamos em arte médica, arte política, arte bélica, retórica, lógica, poética, dietética. Platão não a distinguia das ciências nem da Filosofia, uma vez que estas, como a arte, são atividades humanas ordenadas e regradas. A distinção platônica era feita entre dois tipos de artes ou técnicas: as judicativas, isto é, dedicadas apenas ao conhecimento, e as dispositivas ou imperativas, voltadas para a direção de uma atividade, com base no conhecimento de suas regras (Chauí, 2000). Por essa razão usamos o termo para nos referir a tarefas feitas com maestria, como a arte de cozinhar, a arte do futebol etc. A arte no sentido estético pode ser

compreendida como a criação poética dos seres humanos (Utuari; Libâneo; Ferrari, 2013).

A arte é uma manifestação muito complexa da expressão do ser humano desde os tempos mais remotos. Ao longo de toda a sua existência, o homem produziu objetos, não somente úteis ao seu cotidiano, mas também agradáveis de se olhar, harmoniosos, atraentes, capazes de estimular o pensamento, a sensibilidade ou causar prazer estético (Canetti, s.d.). Conforme Fischer (1987, p. 45 *apud* Biesdorf; Wandscheer, 2011, p. 2): “Nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com ‘beleza’ e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência”.

Para o homem pré-histórico era fundamental representar suas crenças, seus anseios, valores, hábitos, costumes, e suas necessidades por meio das representações artísticas. Os primeiros registros de arte, ou manifestações artísticas, datam de aproximadamente quarenta mil anos, na pré-história, e foram chamadas Arte Rupestre, onde o homem produzia desenhos nas paredes das cavernas. Até hoje historiadores têm dúvidas sobre o que seria a função, de fato, destes desenhos: muitos afirmam que seriam para auxiliar a caça e assim melhorar a forma em que ela era feita, enquanto outros afirmam que esses desenhos seriam como uma “mágica” para capturar a alma do animal. De qualquer forma, a arte é a manifestação da produção do homem e de sua forma de interagir no mundo (Utuari; Libâneo; Pascoal, 2013).

Ao tentar entender os fenômenos da vida, como morte, espiritualidade etc., o homem criou rituais e formas que podemos associar como os primeiros indícios de arte. De acordo com Barbosa (1990, p. 11 *apud* Biesdorf; Wandscheer, 2011, p. 3):

Acredita-se que a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações. Compreende-se, desse modo, que a arte adquire novos conceitos em cada período, modificando a forma do homem ver e pensar o mundo. Com base nessa afirmação, podemos perceber o quanto as transformações culturais têm relação direta com as relações históricas e, nesse sentido, as manifestações de arte fortalecem o desenvolvimento social de um tempo.

Nesse aspecto, Coli (1989, p. 90 *apud* Biesdorf; Wandscheer, 2011, p. 2) ressalta: “no passado, e ainda hoje, os objetos artísticos possuíram funções sociais e econômicas que permitiram sua constituição e seu desenvolvimento”. A arte vem mudando dentro de todo o contexto histórico humano e, dessa forma, deixou de ser

apenas uma necessidade e passou a ser uma essencialidade. Por meio do material intitulado “Ensino da Arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos”, desenvolvido pela Redefor, em parceria com a UNESP, junto a alguns artigos de Ana Mae Barbosa (2011) é que trago o entendimento da história da arte na educação brasileira.

No Brasil, a Arte trabalhada nas escolas é predominantemente aquela dos colonizadores, desde a época dos jesuítas e sua alfabetização indígena, onde os moldes europeus de ensino estavam presentes, se fundindo com a cultura indígena e logo depois com a africana. É com essa mistura de culturas que a arte no Brasil começou. A arte no Brasil, de certa forma, é baseada em uma dependência cultural, tendo em vista a origem Barroca dos nossos colonizadores. E é nessa mistura de realidades diversas que se consolidou um barroco diferente do Barroco Europeu.

A primeira forma de institucionalização do ensino de arte no Brasil se deu através da missão Francesa de 1816 – uma invasão elitista da arte, embora seu objetivo, segundo Joachim Le Breton, chefe da missão, era a de trazer o cunho mais popular seguindo os padrões que ele já ensinava (Barbosa; Coutinho, 2011). Para ele, o ensino de arte seria algo que traria o equilíbrio entre o popular e o elitista. Porém, essa realidade começou a mudar a partir do nome de “missão” que já estabelecia que as camadas populares não estariam presentes, fortalecendo a elite cultural e a então denominada “Escola Imperial das Belas Artes”.

Em 1855, Manuel José de Araújo, em Porto Alegre, galgou uma mudança nesse elitismo cultural, tentando colocar no mesmo estabelecimento escolar a classe de Artesão e a de artistas, criando uma junção entre o popular e tradicional, técnicas sofisticadas e a prática. Essa tentativa, porém, não deu certo, tendo em vista que a estimativa de público não foi suficiente (Barbosa; Coutinho, 2011).

Em 1856, o liceu das artes e ofícios de Bethencoud da Silva, no Rio de Janeiro, foi um lugar de força para a classe menos favorecida e as atividades desenvolvidas passaram a ter uma grande importância para ela (Barbosa; Coutinho, 2011). Este liceu e tantos outros que seguiram seu modelo por todo o país promoviam a formação da classe operária, das classes menos favorecidas, o que fortaleceu seu acesso à educação e à Arte de forma mais concreta. Já na Academia Imperial de Belas Artes, até 1870, muito pouco foi contestado, pois tudo era praticamente igual ao modelo implantado pela missão Francesa. Na verdade, a arte nas escolas secundárias era voltada para a mais alta elite do país, tanto para meninos como para meninas.

O ensino de Artes para meninos, aliás, começou a existir no Brasil apenas na escola do padre Felisberto Antonio Figueiredo de Moura, tendo em vista que em muitos países o ensino de arte era só para meninas (Barbosa; Coutinho, 2011). Em torno de 1870 muitas mudanças aconteceram na Educação de Arte, que passou a ser mais presente nas instituições de ensino muito por meio do ensino de desenho industrial. A educação passou a se voltar mais à camada mais pobre da população e o ensino da arte foi se firmando como o ensino do desenho industrial, voltado para o mercado de trabalho. Assim, o desenho geométrico passou a ser a referência de arte, onde se propunha educar a nação para o trabalho industrial (Barbosa; Coutinho, 2011).

O estudo da arte por meio dos desenhos geométricos, modelo de Walter Smith trazido para o Brasil por Abílio César Pereira Borges (Barbosa; Coutinho, 2011), pouco teve de mudança até 1988 e, mesmo após mudanças ocorridas no sistema de ensino e nos métodos educacionais, eles ainda se fazem presentes atualmente. Quando entramos no período da Arte denominado de modernismo brasileiro, vemos que a Semana de 22 foi um marco da arte no nosso país. Porém, o impacto educacional não foi de imediato. Veio então a “Escola Nova”, onde o ensino da arte passou a ser diferente do ensino tradicional, onde a formação era o desenho para o trabalho.

A era da Escola nova no Brasil colocava o ensino da arte como uma forma de criação e de melhoria do sujeito de forma integral. Essa ideia de valorização da arte na educação está muito presente na obra do filósofo John Dewey. Como cita Barbosa e Coutinho (2001, p. 16):

Mudou o mundo, a arte, a educação, e para repensar o nosso tempo, educadores, críticos de arte e até economistas têm buscado nas ideias de Dewey uma experimentação mais consciente da ação e uma construção de valores mais flexíveis culturalmente.

Dewey foi um filósofo estadunidense que percorreu o caminho da filosofia, educação, sociologia e política. O grande legado de Dewey consiste em artigos e livros que norteiam a integralidade da educação. Sua obra foi de grande importância para o contexto não só da arte, mas da educação como um todo. Sempre esteve envolvido na crítica social, buscando sempre uma sociedade democrática e um pensamento voltado para a formação da criança como um todo (Branco, 2014).

Nas palavras de Teeltelbaun e Apple (2001, p. 197), “interligada com a preocupação de Dewey com a comunidade democrática, encontrava-se o

pragmatismo que consubstanciou todo o seu trabalho”. Dewey acreditava que toda a ideia, valor e instituição social originaram a partir das circunstâncias práticas da vida humana. Não eram nem criações divinas, nem tão pouco refletiam determinado tipo de ideal. A verdade não representa uma ideia a ser descoberta, só poderia ser concretizada na prática. Todas as instituições e toda crença, analisada dentro do seu contexto específico, deveriam ser submetidas a um teste para estabelecer a sua contribuição no sentido mais lato. Dewey acreditava que a criança não era uma lousa em branco onde o professor escrevia o seu conhecimento, mas alguém que também tem o seu conhecimento e aprendizagem.

Para ele, a mudança e o crescimento do aluno eram o que realmente importava, “reincorporar os temas de estudo na experiência” (Teeltelbaun; Apple, 2001, p. 285). Com base nessa afirmação, podemos perceber a integralidade entre teoria e prática, entre a troca na aprendizagem e o experimentar. Por acreditar na construção total do sujeito e suas ações, o pensamento de ensino de Arte que Dewey nos deixa como legado é o do trabalho integral, onde a arte seja sentida em todos os sentidos, na experiência de se fazer arte, surgir formas e formas de aprendizagens.

Ao se ensinar Arte, Dewey recomenda estimular os impulsos da criança através de reflexões, deixando-a livre para a criação e depois para a observação do que foi criado. Dessa forma, podemos afirmar que John Dewey foi quem realmente compreendeu o alto valor educativo da linguagem gráfica, artística, da criança (Barbosa; Coutinho, 2011).

Muitas iniciativas de ensino de Arte surgiram a partir do pensamento de Dewey, onde a democratização e educação estão conectadas, formando uma dialética, onde ele acredita ser capaz de unir os contrapontos e as diferenças sociais para ele a ideia que corresponde ao progressivismo, onde só por meio do alargamento de oportunidades educativas a todos se poderá alcançar uma sociedade mais justa e equitativa. Nero Sampaio, foi um estudioso que divulgou e aprofundou o conhecimento de Dewey, o que sem dúvida, fortaleceu também arte na escola. Outra iniciativa no ensino de Arte foi a reforma Francisco Campos, em Minas Gerais, nos anos de 1927 a 1929. De 1920 a 1930 muitas formas de se ensinar arte surgiram no Brasil, e muitas escolas secundárias fortaleceram essa prática (Barbosa; Coutinho, 2011). Theodoro Braga e Anita Malfalitti são exemplos de educadores artísticos desta época, com suas escolas de arte, trabalhando sempre a livre expressão. A partir de

1947 diversos ateliês de pintura surgiram, com a principal intenção de liberar a criação da criança.

Sobre isso, diz Barbosa (1989), fora das universidades um movimento bastante ativo (movimento escolinhas de arte) tentava desenvolver, desde 1948, a auto expressão da criança e adolescente, através do ensino das artes. Em 1971 o movimento estava difundido por todo o país com 32 escolinhas, a maioria delas particulares, oferecendo cursos de arte para crianças e adolescentes e curso de arte-educação para professores e artistas.

Como Barbosa cita em seu artigo “Arte-Educação no Brasil” (1989), a demanda de aulas de arte nesse período fez com que o governo criasse um curso universitário para preparar professores para a disciplina de Educação Artística. Já no momento histórico no Brasil, o alinhamento educacional caminhou para o ensino tecnicista e as escolas de arte quase acabaram. O que se ensinava de arte era quase nada, ficando apenas a espontaneidade e criação dos alunos em um contexto à parte da educação oficial. Porém, em 1969, a arte fazia parte do currículo de todas as escolas particulares, mas na escola pública seguiam apenas o modelo com o ensino dos desenhos geométricos.

No fim dos anos 70, embora ainda estivéssemos no período ditatorial, muitas escolas de arte foram se fortalecendo no processo de criação e desenvolvimento do processo mental das crianças. Só em 1971 que o ensino da arte passou a ser obrigatório, com a segunda versão da LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Mas apenas em 1996 com a mudança na LDB 9394/96, onde se retira o termo Educação Artística, tornando a disciplina obrigatória Arte nos níveis da Educação Básica, composta pelas quatro linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Além da Lei 13.278/2016 que insere como obrigatório o ensino das quatro linguagens artísticas na disciplina Arte. O que para muitos professores é um agravante, tendo em vista que muitos são especialista em uma ou duas linguagens específicas. A BNCC também orienta o ensino da arte do Brasil e a mudança do ensino médio.

Em 1973, surge o curso superior de Educação Artística na chamada licenciatura de dois anos (Barbosa, 1989). Barbosa (1989) também levanta uma crítica sobre esse formato de curso, tendo em vista que os professores de arte precisam ministrar aulas em todas as linguagens previstas na disciplina (artes visuais, música, dança e teatro) e, dessa forma, um curso de graduação de dois anos não daria formação necessária para isso.

Em uma pesquisa que realizou com mais de 2.500 professores de Arte, a autora aponta que a maioria avalia a sua aula partindo do modo de ensino sobre criação e criatividade, mas que esses conceitos são citados como senso comum, já que nas universidades o currículo do curso de artes não prevê aprofundamento sobre o tema. É um absurdo epistemológico ter a intenção de transformar um jovem estudante (a média de idade de um estudante ingressante na universidade no Brasil é de 18 anos) com o curso de graduação de apenas dois anos, transformá-lo, nesse curto período, num professor de tantas disciplinas artísticas.

Ainda seguindo os pensamentos da autora, destaca que a Universidade de São Paulo sempre ofereceu o curso de licenciatura em Educação Artística em quatro anos, possibilitando ao estudante uma maior formação sobre a arte e seus conteúdos (Barbosa, 1989). Em 1977, o Ministério da Educação (MEC) instaurou o programa de desenvolvimento integrado de artes (PRODIARTE), relacionando Cultura e Comunidade, e esse movimento gerou diversos encontros e debates vinculados à esta temática.

Já em 1980 ocorreu um debate político sobre o tema “Arte-Educação”. Este encontro foi denominado “Semana de Arte e Ensino”, e foi realizado na Universidade de São Paulo contando com a presença de mais de 3.000 professores. Esse encontro fortaleceu educadores da área e diversos cursos de pós-graduação surgiram nesse momento (Barbosa; Coutinho, 2011). Assim, a educação em Artes foi se configurando e criando diversas ramificações, aumentando o número de pesquisas que permeiam diversos assuntos dentro do universo da arte.

Em se tratando de metodologias de ensino de Arte, Barbosa e Cunha (2010) propõem a Triangulação, proposta formativa de tendência pós-moderna e baseada em uma proposta dialógica, construtivista e multicultural e nas Ações de ler, fazer e contextualizar. Barbosa e Cunha (2010) sistematizaram esse método, que foi experimentado nas escolas da rede municipal de São Paulo nos anos de 1987 a 1993, durante o mandato de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação. Porém, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram criados, toda a pesquisa realizada pela autora foi deixada de lado e a sistematização da arte passou a ser de outra forma a inserção dos PCN trouxe quais modificações no ensino de Artes nas escolas.

Consideramos que a arte tem um papel na educação e no educar muito maior que apenas o de ser uma disciplina do disciplinar. Em verdade, por sua natureza, isso

é o que menos se espera dela. Aliás, é importante destacar que a arte não é apenas uma disciplina, mas sim uma maneira de educar permitindo o educando ter maior sensibilidade para com o mundo que o cerca. Como afirma Machado (1972, p. 2, grifo nosso), na epígrafe deste documento:

Educar é FAZER A CRIANÇA ABRIR OS OLHOS PARA O MUNDO QUE A RODEIA e dar-lhe a possibilidade de se maravilhar com cada nova descoberta que ela mesma vai fazendo do mundo que a cerca. Essa capacidade, hoje, só o poeta conserva. O que é uma pena! Sensível para o mundo que descobre, a criança será também sensível para os outros homens, para as ciências, para as artes, para o prazer de viver.

A partir desta citação, vemos que educar é trazer o encantamento na forma de sensibilidade, sensibilidade que proporciona um olhar diferenciado e um conhecimento contínuo, principalmente na relação com o outro.

E, dentro deste conceito de arte e educação, é que ressaltamos a importância dela na construção e formação do indivíduo, para que ele saiba lidar com a generosidade e autonomia no meio em que vive. Consideramos que modelos mais tradicionais de educação reforçam a ideia de educação como preparação de mão de obra para o mercado de trabalho e, nesse sentido, sobra muito pouco tempo dentro da escola – e conseqüentemente na vida – para que o indivíduo pense e repense o seu “eu”, dando oportunidade de criar relações com o seu meio e com outros indivíduos. Dialogando com essa outra perspectiva da arte e da educação, podemos traçar um paralelo e buscar ferramentas que fortaleçam os alunos indisciplinados nas suas inquietudes.

A subseção a seguir o objetivo está relacionado ao conhecimento de uma das linguagens da arte, especificamente o “Teatro”.

2.6 Teatro

Os princípios do teatro no mundo interagem com a história da arte, tendo em vista que o teatro é uma das quatro linguagens da arte, como disse Margold Bertold, “Nenhuma forma teatral, nenhum anfiteatro é tão novo que não tenha analogia do passado”. Sendo assim sabemos que o teatro existe como eixo na primitividade, para Margot a transformação numa outra pessoa é uma das formas arquetípicas da expressão humana é um encanto humano.

No teatro primitivo o homem necessitava apenas do seu corpo para evocar as ações e emoções. O teatro permeou o Egito com cerimônias de dança e arte dramática na celebração da vida e para o além do mundo, ele era utilizado sem modéstia nenhuma, em culto aos mortos. Na China os rituais de fertilidade e os exorcismos xamânicos são os primórdios da pantomima, surgiram os acrobatas, malabaristas; e a herança chinesa atravessou milênios e ainda hoje é uma grande referência no meio teatral. O teatro no Japão pode ser descrito como uma forma de sentimento e emoções envoltos na pantomima, para Margot o teatro no Japão é resultado de um pluralismo multifacetado de séculos de desenvolvimento.

O teatro europeu é a forma mais utilizada de teatro no mundo contemporâneo, sua história começa em Atenas na Grécia, com a relação do homem com o homem e, do homem com os Deuses, presentes nos rituais de sacrifício, dança e culto, principalmente nos rituais de homenagem a Dionísio, o Deus do vinho, esses rituais se estabeleceram, criando assim a tragédia e a comédia, estabelecendo Dionísio como o Deus do teatro. Para Margot o teatro é uma obra de arte social e comunal.

Surgiram então na Grécia as principais tragédias escritas na humanidade e a forma física do teatro com o palco em semicírculo, facilitando assim as apresentações, o teatro grego serviu de herança para o teatro romano que utilizou dos mesmos moldes para as suas apresentações.

Na idade média o teatro se apresentou na forma de procissões e celebrações em igrejas com encenações de adoração ao senhor, adoração pascoal da cruz, textos do evangelho e auto de Natal.

Com o tempo e sua cronologia o teatro foi se modificando e saindo do eixo primitivo para o alicerce teatral de texto e interpretação, a história do teatro no mundo, aponta para essa imaginação criativa do homem, sua relação com as suas emoções e como ele aprendeu a desenvolver a arte do teatro.

A história do teatro é bem longa, existiram diversos autores, atores e artistas que contribuíram para a evolução do teatro. Nessa pesquisa abordaremos os jogos dramáticos na perspectiva de Viola Spolin que será explicada na metodologia.

Nesta subseção está a relação primordial da arte com a ancestralidade, e como o conhecimento relacionado a isso pode servir para um aprofundamento para contextualizar a História da Arte.

2.7 Arte, África e Ancestralidade

Quando pensamos em arte e ancestralidade, logo imaginamos a arte primitiva, aquela feita em tempos pré-históricos, pintadas em cavernas e esculpidas nas pedras, porém a ancestralidade vai além da questão “passado” ela é um fonte de criação, articulação dos nossos antepassados em nós, como cita Carl Einstein em sua trajetória de pesquisa pela arte da África.

Partindo desse pensamento, vamos estabelecer uma relação entre Arte, Ancestralidade, África e Brasil, para que possamos organizar o conhecimento da ancestralidade Africana no povo brasileiro.

Elena O'Neill e Roberto Conduru escreveram o livro, “Carl Einstein e a Arte da África” onde apontam alguns estudos de Carl Einstein sobre a arte na África, nesses estudos Carl traz uma imensidão de conhecimento sobre objetos, Máscaras e arte oriunda da África e todo o ritual envolto nesse sentido.

A arte produzida na África demorou muito para ser considerada Arte propriamente dita, na realidade o pensamento sempre foi que essa manifestação artística, nada mais era do que apenas uma atividade primitiva, por ser concebida por povos do início da evolução humana. Já a arte no mesmo sentido, mas em território europeu, foi vista como uma evolução natural e organizada. Hoje, em diversos estilos de arte existentes, essa disfuncionalidade artística mostra uma distinção preconceituosa em termos de argumentos: a Arte Africana é apenas primitiva e a Europeia e a evolução da arte?

Essa forma de olhar a arte Africana passou a ser questionada, quando muitos artistas, entre eles, Paul Guillaume, Henri Matisse, Pablo Picasso se encantaram por objetos artísticos trazidos da África e reconheceram nesses objetos o conceito de arte, ressaltando; “que eram arte em pleno sentido da palavra”. Dessa forma, foi criado o cubismo que muitos consideravam a contribuição africana para o modernismo ocidental. Assim surgiu a necessidade de aperfeiçoar os estudos sobre essa arte, bem como já se estudava a arte europeia.

Com a necessidade de uma abordagem metodológica para essa nova demanda foram criadas três formas de apreciação: a teoria etnológica, a teoria etnoestética e a teoria estética de Carl Einstein. Na teoria “Etnológica” o objeto segue apenas o seu significado e a função social que ele representa; já na teoria “Etnoestética”, ela considera o objeto independente da sua função; por uma

abordagem antropológica, essa metodologia consiste em uma confrontação dialética entre forma e conteúdo; e na teoria “estética” de Carl a arte africana seria considerada “arte por arte”, para ele a única coisa que importa é como a arte nos afeta.

Com essa abordagem de Carl, ele potencializou a arte Africana e a livrou de uma categoria preconceituosa, onde ela era vista apenas como arte primitiva e passa a incluí-la na história universal da arte (O’neill; Conduru, 2015).

Conduru (2015) no seu livro “Pérolas negras - primeiros fios: experiências artísticas e culturais no fluxo entre Brasil e África”, traz um pouco de conhecimento sobre essa temática.

O autor cita artistas e obras que retratam o período de escravidão no Brasil e como os seres humanos negros eram colocados na situação de coisas, e retratado nas obras de artistas como Auguste François Biard, Jean-Baptiste Devret, Paul, Harro-Harring entre outros eles representavam em suas obras o comercio local de escravos, bem como a arte nessa conjuntura.

Para o autor a representação de afrodescendentes é uma questão de modernização artística no Brasil, para ele as representações de Africanos e Afrodescendentes no Brasil é uma questão que só se complexificou, principalmente por uma questão de autorrepresentação, negros fazendo arte como os colonizadores pregoavam e negros resistindo com a sua arte e religiosidade. Foi apenas no século XIX que a representação artística dos afrodescendentes no Brasil surgiu com um pouco mais de força, porém, muitos desses artistas se distinguiram no campo da arte por pintar e se enquadrar nos moldes acadêmicos europeus, sem a preocupação de manter uma relação com questões culturais africanas.

Estevão Silva foi o primeiro pintor negro formado pela academia de Belas Artes e recebeu diversas críticas depois de sua morte, pelo racismo presente na sociedade de classes o que o CONDURU, chama de “condição marginal do negro na sociedade brasileira”.



Figura 1 – Três Raças

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra20846/as-tres-racas>

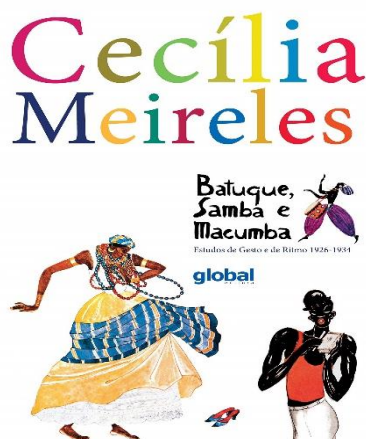


Figura 2 – Batuque, samba e macumba

Fonte: <https://www.publishnews.com.br/materias/2019/10/04/estudos-de-gesto-e-ritmo-por-cecilia-meireles>

As imagens acima são contemporâneas, mas retratam de maneiras distintas a cultura e expressão do povo negro brasileiro, na primeira como Conduru cita no seu livro, retrata o negro cabisbaixo e a hierarquia das raças enquanto na segunda imagem Cecilia Meireles ressalta a cultura negra e o envolvimento das raças.

Na obra de Tarsila do Amaral, também podemos perceber o processo de construção da arte afrodescendente, além também do posicionamento social das obras de Di Cavalcanti e Candido Portinari.

O caminho do conhecimento da arte negra, é um caminho de luta e resistência à busca da sua ancestralidade.

Quando observamos essa frase de CONDURU “condição marginal do negro na sociedade brasileira”. E comparamos com a frase de um aluno: “Professora, até quando as balas vão nos encontrar?”.

Essa frase dita por um aluno de oitavo ano, nos faz perceber o racismo velado, não só na sociedade que marginaliza o negro, apenas por ser negro, mas também no contexto escolar onde esse “velado” se faz presente na punição da indisciplina, no ferir o aluno indisciplinado, sem perceber que no registro do livro negro, onde se registra a indisciplina, os nomes, que mais aparecem, são o de alunos negros.

Ao perceber essa dinâmica escolar, através das conversas em orientações, percebemos que realmente a maioria dos alunos indisciplinados eram negros ou pardos, essa constatação reflete, a importância desse tema para a educação, o que não será neste momento, tendo em vista que a questão de pesquisa, se dá sobre as interações dos alunos considerados indisciplinados nas aulas de teatro, dança e artes visuais e para discorrer, sobre o racismo existente nas punições de indisciplina, seria necessário um estudo com mais aprofundamento.

Seção 3 - Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa tem como temática a relação Indisciplina e Arte. O foco está nas interações dos alunos da educação básica nas aulas de Arte. A questão de pesquisa que procuramos responder é: Quais são as interações dos alunos indisciplinados nas aulas de arte, da educação básica.

A partir desta questão, o objetivo geral da pesquisa é investigar como os alunos considerados “indisciplinados” interagem nas aulas de arte, sendo que a disciplina na arte é inadequada pela sua natureza epistemológica.

Temos como pressuposto que tal indisciplina pode estar associada a inquietude dos alunos dessa faixa etária o que pode ser entendido como certo movimento de desconforto com o sistema educacional vigente e que nas aulas de arte eles conseguem estabelecer uma melhor interação.

Os objetivos específicos se pautam na visão de Yves de La Taille (1996), observamos a indisciplina como uma revolta das normas ou o desconhecimento dela. Tendo em vista a grande abrangência do tema “indisciplina” apontado por muitos autores como o grande problema da educação atual.

A pesquisa é quali-quantitativa e os participantes são alunos da rede Estadual de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

As informações foram obtidas através de aulas realizadas na escola e de um questionário entregue aos professores, este questionário foi submetido ao comitê de ética, com o parecer favorável para realização da pesquisa. Nesta seção organizaremos de que forma construímos o processo de coleta de dados e como responderemos à questão de pesquisa, “Quais são as interações dos alunos indisciplinados nas aulas de arte, da educação básica”?

Como hipótese, associamos essa indisciplina como uma forma desses alunos se rebelarem contra o sistema educacional existente e que as aulas de Arte teriam uma liberdade maior para as interações sociais.

Sendo assim, através das informações construídas, o objeto de estudo da pesquisa está nas interações ocorridas nas aulas de Arte.

Para construir as informações da pesquisa, a princípio um questionário seria entregue para os alunos onde eles iriam responder algumas questões sobre indisciplina e os dados serviriam de base para responder as hipóteses, porém por se

tratar do mestrado profissional, onde a atuação docente é um requisito fundamental para se estar no programa, preferimos desenvolver aulas práticas.

Escolhemos então uma pesquisa, onde me faria presente como professora/pesquisadora e me colocando assim durante toda a análise dos dados.

Sobre a construção das informações, Gomes (1994) ressalta que a análise e interpretação estão do mesmo lado da moeda, já que analisar e interpretar caminham juntas sobre o como olhar dados da pesquisa. Gomes (1994) ressalta os três grandes obstáculos para uma análise eficiente.

Com base na obra de Minayo (1994) o envolvimento que o pesquisador tem com a pesquisa é muito grande e essa relação acaba prejudicando a interpretação dos dados, o que ela chama de ilusão dos dados, essa ilusão pode trazer uma análise superficial e conduzir a conclusões equivocadas, além disso um outro equívoco é pensar apenas no método, na técnica, sem o olhar interpretativo, outro obstáculo está relacionado ao conceito de informações mais complexas.

Para Minayo (1994), todos esses obstáculos podem ser superados através de uma boa fundamentação teórica e experiência do pesquisador. A autora ainda pontua três finalidades da fase de análise, baseando-se na Obra de Minayo (1994), primeiro é preciso ver se os dados confirmam ou não os pressupostos da questão de pesquisa, segundo se ele estabelece uma compreensão dos dados e, por fim, se ele amplia o conhecimento sobre o assunto a ser pesquisado.

A análise das informações é, sem dúvida, uma das partes mais importantes da pesquisa, sua interpretação e categorização trará os dados para reforçar ou não a hipótese.

As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória ou a partir da construção das informações ou das duas formas.

No que tange às categorizações, Gomes (1994) afirma que podemos categorizar de forma única, o que significa uma categoria geral sem especificações. Como exemplo podemos pensar se temos interesse em saber se um indivíduo da pesquisa trabalha ou não, sem especificar o tipo de trabalho ou o horário de trabalho. Nesse caso, estará categorizado apenas se este sujeito trabalha, sim ou não.

Outra forma de categorização é de forma que todos os dados sejam incluídos.

Nesse caso, seguindo o exemplo dado, poderíamos ter a categorização do tipo do trabalho, horário de trabalho, tempo em que está neste trabalho e assim por diante até esgotar as possibilidades para a pesquisa.

A última forma que o autor cita está relacionada à forma excludente, onde os agrupamentos definem claramente quem estará nele, por exemplo: quem trabalha com o público, quem trabalha na fábrica, quem trabalha como autônomo.

Para o estudo as categorias foram pensadas na fase explanatória, porém não foram suficientes para responder a questão de pesquisa, fez se necessário então a criação de novas categorias, partindo do referencial teórico da pesquisa.

O questionário para os professores foi elaborado de acordo com o referencial teórico, abordando questões no tocante a sala de aula e a indisciplina.

Todas as aulas foram preparadas com base no currículo paulista e nas habilidades e competências de arte, conforme segue abaixo.

3.1 Instrumento de construção de dados da pesquisa

3.1.1 Plano de aula de Teatro

PLANO DE AULA

Aula de Arte-linguagem Teatro		Professora: Barbara Passos
Abril 2023	Total: 2 aulas.	
Tema/Conteúdo Tema: teatro Elaborar, realizar e documentar intervenções na escola. Reconhecer o desenvolvimento das poéticas pessoais em intervenções cênicas, coreográficas, sonoras e visuais		
Habilidades/Competências Identificar, com base em registros escritos ou imagens, os processos já realizados para dar continuidade aos projetos individuais ou colaborativos. Compreender a relação entre o projeto e a realização artística e entre a obra e seu registro.		
Atividade 1 Introdução Apresentação Atividade 2 Desenvolvimento 1 Aquecimento Alongamento Criação do jogo Dramático Temas: Racismo, Assedio, desigualdade social, família e escola. Desenvolvimento 2 Apresentação entre pares Atividade 3 Finalização Debate sobre os temas		

O questionário foi disponibilizado para todos os professores, para que eles pudessem responder o que eles entendem por indisciplina e como eles organizam as aulas e os alunos a partir desse entendimento. No entanto apenas treze professores o responderam.

3.2 Instrumento Questionário para professores

O questionário destinado aos professores que está disponível no quadro à seguir teve como objetivo identificar o que os professores entendem por indisciplina. Partindo de um Survey por amostragem probabilística.

Quadro 9 - Questionário

<p>Tempo de serviço</p> <p>Situação profissional</p> <p>O que você entende por indisciplina escolar?</p> <p>O que você entende por disciplina escolar?</p> <p>Considerando as suas experiências como professor(a), nas aulas, os alunos têm atitudes indisciplinadas?</p> <p>Para evitar a indisciplina nas suas aulas, você:</p> <p>No seu ponto de vista, a indisciplina dos alunos nas aulas, pode ter relação com quais fatores? Assinale aqueles aspectos que você acredita que têm relação com a indisciplina dos alunos nas aulas:</p> <p>Indique a porcentagem aproximada de tempo da aula gasto com comportamento indisciplinados dos alunos.</p> <p>Com que frequência você tem que esperar para que os alunos façam silêncio? (considerando uma aula de 50 minutos)</p> <p>Com relação à disciplina e a indisciplina dos alunos na aula, é possível afirmar que:</p> <p>As aulas como material curricular da BNCC interferem de alguma forma na questão da indisciplina?</p> <p>Você considera que as aulas de arte podem contribuir para uma outra visão da indisciplina em sala de aula? Por quê e/ou de que forma?</p> <p>Se sentir necessidade, escreva abaixo algum comentário ou assunto</p>

Fonte: a própria autora

3.3 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma cidade do interior paulista, em uma escola de educação básica de período integral de sete horas, com alunos do ensino fundamental séries finais, especificamente o nono ano A.

Sendo essa escola uma das que têm os maiores índices de violência e incivilidade da cidade, características fundamentais para o estudo tendo em vista, que o nosso objetivo principal é investigar como os alunos considerados “indisciplinados” interagem nas aulas de arte.

A construção de dados foi feita através de seis aulas de quarenta e cinco minutos cada uma, sendo, duas aulas de teatro, duas de dança e duas de artes visuais.

As aulas foram realizadas com o intervalo de uma semana para cada duas aulas, no período de Abril e Maio de dois mil e vinte três, condicionando as atividades, em duas aulas em um mesmo dia, começamos com a aula de teatro, em seguida de artes visuais e por último a dança em uma sala de informática onde organizamos, para que as atividades pudessem ser realizadas de uma forma mais efetiva.

Participaram das aulas cerca de trinta e cinco alunos com idade entre quatorze, quinze e dezesseis anos, dentre esses alunos uma porcentagem significativa era negra ou parda.

A escolha da sala se deu com uma pergunta simples realizada pela coordenadora, na sala dos professores: “Qual sala de aula da escola é tida como a mais indisciplinada?”

Essa indisciplinada que sugere a pergunta é a indisciplinada do senso comum escolar, ou seja, a que todos percebem da mesma forma, com a pergunta em questionamento, a coordenadora foi até a sala dos professores e perguntou para os professores que lá estavam, qual seria a sala mais indisciplinada da escola e por uma unanimidade a sala do nono ano A, foi a escolhida para a pesquisa.

Com as aulas preparadas, a escola escolhida e a sala indicada pelos professores, começamos as aulas e gravamos todo o processo com um tablet e um celular de uso pessoal da professora/pesquisadora.

Para a pesquisa, utilizaremos os enxertos das aulas de teatro.

3.4 Análise de conteúdo

Na análise de conteúdo sob a perspectiva teórica de Gomes (1994), na transcrição da aula de arte podemos perceber duas formas de técnicas, uma que se refere a verificação da hipótese. A outra forma de dados é analisar se há novos conhecimentos referentes às informações que não tínhamos previsto.

A análise pode se dar de forma cronológica, partindo da pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Gomes (1994, p. 77) cita uma técnica muito usada de Minayo que é o método Hermenêutico-dialético:

Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem como ponto de partida o interior da fala e como ponto de chegada o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala das ideias abordadas pela autora é de que não há consenso e nem ponto de chegada no processo de conhecimento.

Desta forma buscamos uma relação entre os instrumentos da pesquisa, as informações construídas por meio destes e a análise das interações dos alunos-alunos e alunos-professora.

Os instrumentos para a construção das informações foram: as aulas que ministradas aos alunos e o questionário que foi respondido pelos professores.

3.4.1 Instrumento 1

Foi composto por seis aulas de arte, totalizando 300 Minutos os quais foram agrupados em duas aulas de (50 Minutos) cada uma: duas aulas de teatro, duas de dança e duas de artes visuais, ministradas com o intervalo de uma semana.

A metodologia utilizada para ministrar as seis aulas foi a do jogo teatral/dramático de Viola Spolin (2007) que faz uso de técnicas de criação e experimentação, com o foco na interação dos alunos.

Koudela (2007) responsável pela introdução do livro “Jogos Teatrais na Sala de Aula (Um Manual para o Professor)”, de Viola Spolin (2007) observa a obra da autora e a relevância para a construção de um processo de ensino aprendizagem, Jogos Teatrais sobre a perspectiva da autora.

Koudela (2007) ressalta que para Viola Spolin (2007) o jogo é tido como importantíssimo no processo de aprendizagem da infância, desde Rousseau e Dewey

até Piaget e Vygotsky, o Jogo Dramático ou Jogos Teatrais, não apenas como uma atividade Lúdica, mas também como uma manifestação da inteligência, infelizmente para Spolin (2007) a escola ainda nega o Jogo como sendo importante neste processo.

A autora aponta ainda que Spolin (2007) ressalta a importância dos Jogos que ocorrem na sala de aula, pois eles desenvolvem uma liberdade, dentro de regras estabelecidas, os jogos acontecem baseados em problemas a serem solucionados, sendo que o problema é o objeto do jogo que proporciona o foco.

As regras de estrutura dos Jogos Dramáticos/Teatrais, inclui a estrutura dramática, foco e acordo do grupo, a estrutura dramática organiza-se sobre três pontos: Onde, Quem e O que.

A autora ainda pontua o olhar pedagógico do educador, como o mediador do jogo e dos alunos, para objetivar o foco do jogo. Para Spolin (2017, p. 17)

No processo de ensino, a abordagem intelectual ou psicológica é substituída pelo plano da corporeidade. O material do teatro, gestos e atitudes, é experimentado concretamente no jogo, sendo que a conquista gradativa de expressão física nasce da relação que deve ser estabelecida com a sensorialidade. Dessa forma, no decorrer do processo educacional, é atingida uma objetividade que almeja eliminar o mau hábito de utilizar o teatro como um instrumento de acrobacias sentimentais. Através da fiscalização, a realidade cênica adquire texturas e substância.

Observamos que para a autora o jogo não existe com a finalidade de usos de técnicas, teorias, sistemas ou leis, o atuante do jogo teatral está livre para as suas ações, ela intitula o atuante como sendo “Um artesão da sua própria educação, produzindo-se a si mesmo”. A cada partida do jogo as relações mudam e o encontro com a plateia vai se descobrindo e redescobindo.

O mediador do jogo tem o papel importantíssimo na intervenção do processo de aprendizagem de significados, Spolin (2007, p. 25) ressalta:

O conceito de *Zona de desenvolvimento proximal*, como princípio de avaliação, promove, com particular felicidade, a construção das formas artísticas. No jogo teatral, por meio do processo de construção da forma estética, a criança estabelece com seus pares uma relação de trabalho em que a fonte da imaginação criadora - *O jogo simbólico* - é combinado com a prática e a consciência da regra do jogo, a qual interfere no exercício artístico coletivo. O jogo teatral passa necessariamente pelo estabelecimento do acordo do grupo, por meio de regras livremente consentidas entre os parceiros.

Nesse sentido, o jogo se estabelece segundo a autora, como uma organização

flexível, em que a fonte da imaginação criadora é associada à liberdade de criação coletiva. Para Spolin (2007, p. 22): “já o jogo teatral torna-se um lugar onde a parceria entre professor-aluno, proporciona um envolvimento onde se sentem capazes de entrar em contato com o comunicar, experimentar, responder e descobrir”.

As atividades foram realizadas com base nas habilidades e competências do Currículo Paulista¹, especificamente da disciplina arte.

No que diz respeito à Habilidade Teatro e Artes visuais o foco está em “Identificar, com base em registros escritos ou imagens, os processos já realizados para dar continuidade aos projetos individuais ou colaborativos”.

A Habilidade Dança procura “Estabelecer relações entre as manifestações culturais do presente e as raízes históricas de sua constituição”.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.”

A seguir está organizado o instrumento 2 de coleta de dados, o questionário.

3.4.2 Instrumento 2

O questionário tipo survey de amostragem probalística, fundamentado nos estudos de Babbie (1999), composto por treze questões de múltipla escolha, enviado aos professores através de um google docs, no mês de setembro de 2023.

De um total de vinte e três professores, treze responderam. As respostas foram obtidas pela livre vontade de cada professor e as informações obtidas contribuíram significativamente para a pesquisa, pois trouxeram um entendimento melhor sobre o ambiente escolar.

O Censo é o principal exemplo de um Survey.

Um dos primeiros pesquisadores a utilizar o método Survey foi Marx, que através de questionários pode perceber e constatar a exploração de trabalhadores por

¹ O Currículo Paulista tem por objetivo melhorar da qualidade da Educação Básica no Estado de São Paulo através de orientações para a aprendizagem dos estudantes através da elaboração de Cadernos do Aluno e do Professor, os quais seguem as competências gerais e discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada em 20 de dezembro de 2017, bem como os currículos e as orientações curriculares das redes de ensino públicas e privadas. <https://www.educacao.sp.gov.br>

seus empregadores. Outros pesquisadores, notadamente americanos, ficaram célebres por realizarem Surveys e, entre eles, podemos destacar Bureau, que desenvolveu definições padronizadas de amostragem e de métodos para a implementação de campo, uma ligação forte com survey ligados ao censo (Babbie, 1999).

Na forma de survey para o marketing podemos citar pesquisadores como George Gallup, Elmo Roper, Louis Harris entre outros. Já Samuel A. Stouffer e Paul F. Lazarsfeld se tornaram pioneiros na forma de Survey assim como conhecemos hoje, nos moldes científicos. O legado de Stouffer é importante e de fundamental importância, principalmente nos desenhos de pesquisa, método de amostragem e desenhos de questionários. Lazarsfeld, assim como Stouffer, tinha a predominância para os fenômenos Sociais e assim como ele desenvolveu diversos métodos de coleta de dados, mas a sua mais importante contribuição foi a criação do centro permanente de pesquisa de apoio aos métodos de Survey (Babbie, 1999).

A pesquisa de Survey pode ser usada principalmente na abordagem social e com grande eficiência se aplicada a outros métodos de pesquisa. Nas palavras de Babbie (1999, p. 82): “mais importante, acredito que a pesquisa de survey oferece o melhor exemplo para ensinar metodologia nas ciências sociais”.

Com base nessa afirmação podemos ver uma das principais características do método de Survey, que seria a questão social e seus fenômenos. O método de Survey tem uma abordagem lógica, podendo ser feita de diversas formas, ela também tem uma abordagem determinista, pois o pesquisador procura explicar as razões de um determinado evento, tem que observar a causa e efeito dele, determinando o objeto a ser estudado. Como já vimos e ressaltamos, o método Survey pode fazer um recorte na amostra a ser pesquisada e esse recorte representa o todo populacional que ela está inserida.

Na pesquisa que estamos desenvolvendo o todo seria o ambiente escolar e as amostras seriam as respostas de alguns professores da escola.

Existem vários tipos de abordagem que são relacionadas a desenhos de Survey, dentre as suas finalidades podemos ressaltar três que são de fundamental importância: **a exploração, a descrição e a explicação.**

- Exploração; o objeto é explorado através da familiaridade tornando-o mais explícito e com ideias mais claras sobre o tema a ser estudado.
- Descrição; o principal objetivo é descrever o tema ou objeto realmente

como ele é.

- Explicação; a pesquisa busca identificar o fato central na decorrência de um determinado objeto de estudo (Babbie,2001)

Os Survey podem apresentar dois tipos distintos de desenho, o Interseccional e o longitudinal. No primeiro, os dados são coletados em um único momento estabelecido e no outro ele abrange todo o tempo de pesquisa. No desenho longitudinal existe uma ramificação que aponta para três características, o estudo de tendências, estudo de corte e o estudo de painel. Mesmo com esses desenhos ainda existe uma variável que pode modificá-los de acordo com a pesquisa (Babbie,2001).

O questionário da pesquisa está organizado entre a exploração e a descrição de forma interseccional, pois foi realizado em um só momento.

Na seção a seguir traremos a análise dos dados, a partir destes dois instrumentos utilizados na coleta, aulas e questionário.

Seção 4 - Análise das informações

Esta seção está dividida em cinco subseções. Na primeira, analisamos as informações do questionário dos professores. Na segunda subseção intitulada - **Educando o olhar com a teoria** traremos a análise dos dados da primeira subseção.

Os enxertos, descrição e retextualização das aulas estão na terceira subseção seguido da quarta, também intitulada - **Educando o olhar com a teoria**. A última subseção **Um olhar para a indisciplina através das aulas de arte**, finaliza a seção, tendo como objetivo analisar as informações decorrentes das aulas, com base na fundamentação teórica, visando responder a questão de pesquisa.

4.1 Questionário

O questionário survey, foi respondido por onze professores, sendo 72,% do sexo feminino e 27,3% do sexo masculino, destes professores 63% têm de 4 a 9 anos de experiência profissional como professor e cerca 9,1% experiência que ultrapassa os vinte anos, dando a pesquisa uma grande contribuição, no aspecto da mudança social da escola nos últimos anos.

Dos professores ouvidos, 54,5% são professores efetivos da rede estadual e o restante, professores contratados.

Ao perguntarmos sobre a indisciplina escolar e o entendimento do professor sobre ela, alguns professores relacionam a indisciplina como algo ligado diretamente a família e a falta de limites que eles recebem em casa, para eles essa falta de limite em casa, afeta o comportamento o comportamento do aluno na escola e dificulta sua aprendizagem.

Outro aspecto levantado foi a falta de interesse dos jovens nas aulas de um modo geral, para eles, apesar de todo esforço dos professores os alunos não se interessam nas aulas e a indisciplina acontece, no ponto de vista dos professores, a indisciplina indica uma violação das regras de convivência, criadas em grupo, e que deixam de respeitadas por alguns.

Seguindo com a importância dos dados, percebemos que a indisciplina, para alguns professores está diretamente ligada à imagem dos “adultos da escola” (professores, gestores, funcionários), sendo um reflexo do mal comportamento

existente na escola, fazendo com que os alunos ajam de forma indisciplinada, mostrando um ato de rebeldia, uma forma de chamar a atenção.

Quando a pergunta é ao contrário, sobre o que eles entendem por disciplina Escolar, ela se torna mais fácil de ser respondida, para muitos, seria uma forma de seguir as regras, outros pontuaram que é quando o pedagógico chega até o aluno, muitos professores relacionaram a disciplina com o sucesso na sala de aula, o que muitos pontuaram, como respeito e obediência.

Cerca de 81,8 % dos professores que responderam à pesquisa acreditam que os alunos têm atitudes indisciplinadas com muita frequência nas suas aulas e o restante 8,2% que existe indisciplina, mesmo que com pouca frequência, porém nenhum dos professores que respondeu ao questionário ressaltou a não indisciplina em sala de aula.

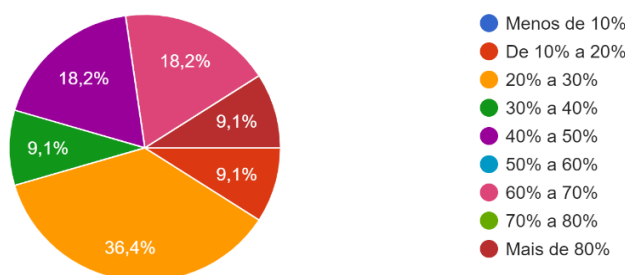
Um fator de impacto da indisciplina para eles é a questão familiar, eles associam a indisciplina com o fato dos alunos não receberem educação em casa, um outro fator importante apontado, é o desânimo dos alunos nas aulas, os valores pessoais e a dificuldade de compreensão.

A questão abordada no gráfico abaixo, mostra a realidade desses comportamentos de indisciplina.

Gráfico 1 – Comportamentos Indisciplinados

Indique a porcentagem aproximada de tempo da aula gasto com comportamento indisciplinados dos alunos.

11 respostas



O gráfico deixa claro a quantidade de tempo gasto por aula, com os comportamentos indisciplinados dos alunos, vemos que todos os professores gastam mais de 10% do tempo de aula com comportamentos indisciplinados e que cerca de 36,4% desses professores gastam de 20% à 30% da sua aula com eles, vale ressaltar

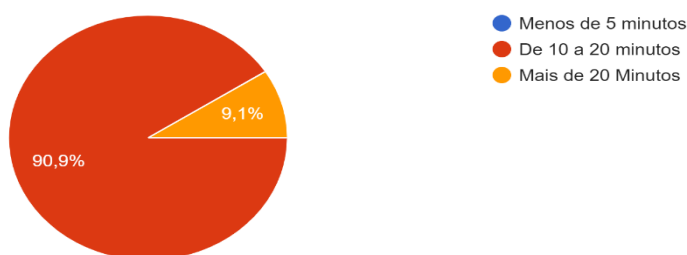
que a escola estadual, tem aulas de 45 minutos, logo os professores teriam de 31 à 36 minutos para ministrar suas aulas.

A relevância dos dados acima, se reforça quando especificamos a pergunta, exposta no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Espera por silêncio

Com que frequência vc tem que esperar para que os alunos façam silêncio? (considerando uma aula de 50 minutos)

11 respostas



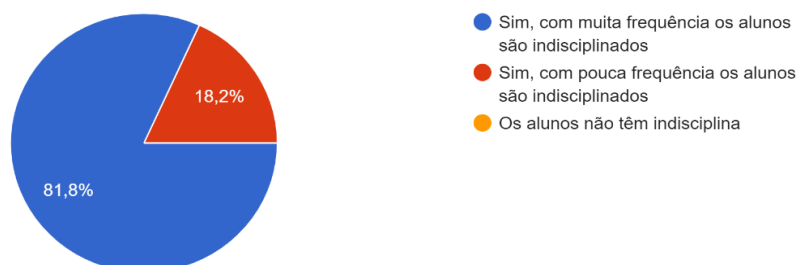
Observamos que 90,9% dos professores que responderam ao questionário, levam de 10 a 20 minutos esperando a sala fazer silêncio.

Neste outro gráfico, podemos perceber que segundo estes professores, os alunos sempre têm atitudes indisciplinadas, com muita ou com pouca frequência, mas ela sempre existe.

Gráfico 3 – Experiência como professor

Considerando as suas experiências como professor(a) , nas aulas, os alunos têm atitudes indisciplinadas?

11 respostas



As informações mostram que 100% dos professores que responderam à pesquisa acreditam que o principal fator da indisciplina dos alunos na sala de aula está diretamente ligado a educação que eles recebem em casa, seus valores, o que

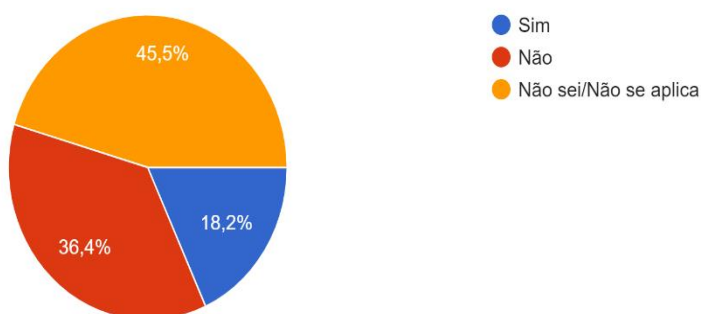
dificulta os relacionamentos interpessoais e para 90,9% dos professores, ainda associa o desânimo dos alunos, como uma das causas da indisciplina.

Uma informação importante é que nenhum professor pontuou o conhecimento e individualidade do aluno, como uma forma de ser indisciplinado.

No gráfico a seguir, vemos que a maioria dos professores não conseguiu perceber nenhuma relação entre a indisciplina e o material curricular da BNCC e que apenas 18,2% associam o material curricular como uma interferência para a indisciplina.

Gráfico 4 - BNCC

As aulas como material curricular da BNCC interfere de alguma forma na questão da indisciplina?
11 respostas



Na pergunta "Você considera que as aulas de arte podem contribuir para uma outra visão da indisciplina em sala de aula? Por quê e/ou de que forma?"

Todos os professores foram unânimes em responderem que sim, para eles a disciplina arte é expressão, através dela o aluno consegue fazer reflexões que influenciam no seu cotidiano, pontuaram ainda que na disciplina Arte o aluno pode canalizar a indisciplina para outros caminhos mais positivos e gratificantes, agregando valores que contribuam para uma melhor expectativa dos alunos.

Na conclusão os professores expuseram seus pensamentos com relação a indisciplina, para alguns a progressão continuada é um agravante para a indisciplina.

"De um modo geral, considero que a "Progressão Continuada" tornou-se "Ensino em Defasagem Continuada" por falta de cobranças efetivas e, somadas à falta de orientações ou perspectivas em relação ao ambiente socioeconômico e cultural do aluno, a INDISCIPLINA tornou-se recorrente em todas as áreas de aprendizagem no ambiente escolar, principalmente na rede pública. Triste realidade".

“A indisciplina não só ocorre em sala de aula, mas na Escola como um todo, as políticas públicas educacionais têm que ser revistas”.

Na próxima subseção trataremos a teoria entrelaçando com os dados.

4.1.1 Educando o olhar com a teoria

O discorrer desta subseção começa com uma das respostas que foi unânime entre os educadores, que versa sobre o conceito da disciplina, para eles disciplina, está relacionada diretamente com conseguir, seguir as regras estabelecidas e ter um comportamento adequado, como podemos ver a seguir:

- *Nesse sentido, uma disciplina escolar se apresenta como um conjunto de saberes, de competências, de posturas físicas e/ou intelectuais, de atitudes, de valores, de códigos e de práticas que trazem as marcas da forma escolar.*
- *Conteúdo, material e ambientes adequados à realidade do público alvo.*
- *Alunos que compreendem a importância dos estudos, participando das atividades propostas e engajados nas aulas.*
- *Respeito e atenção*

Este conceito está condizente ao que Vasconcelos (2009) aponta como disciplina, para ele, ela está relacionada com os sentidos epistemológicos ou intelectual, que organiza o ético e moral, na conduta individual e coletiva, organizando assim o comportamento e as atitudes; o domínio intelectual, do certo e errado, fazendo com que o indivíduo consiga observar as regras e segui-las, de acordo com o coletivo social, que ele está inserido.

Percebemos que com relação à indisciplina, os professores associam o seu conceito com comportamentos indisciplinados e não associam com o aspecto social.

Na visão da maioria dos professores do estudo, os alunos indisciplinados estão sem valores familiares, fazendo com que eles não sigam as regras estabelecidas. Essa limitação de não conseguir conceituar a indisciplina, assim como se conceitua a disciplina, nos mostra o quanto precisamos aprofundar os conhecimentos sobre ela e o quanto isso impactará na aprendizagem dos alunos, principalmente os considerados “indisciplinados”.

De certo modo, o não conseguir conceituar a indisciplina, reduzindo-a apenas aos comportamentos inadequados dos alunos, mostra o quanto de fragilidade existe

na educação e principalmente na formação profissional, levando em consideração que mais de 60% dos professores que participaram do estudo têm no máximo nove anos de magistério, o que pode ser um fator que contribui para o não conhecimento do conceito da indisciplina, fazendo com que eles culpabilizam a família pela indisciplina escolar, organizando um recorte argumentativo, para não se envolver profissionalmente no assunto, se esvaindo de qualquer responsabilidade, sobre aquilo que Aquino (1998) traz, como sendo o grande problema da educação atual, a “indisciplina”.

Outro aspecto que Aquino (2008) ressalta é de que a família e a escola são as instituições responsáveis pela educação no sentido mais amplo e que o processo educacional depende da articulação destes dois âmbitos, mesmo que para essa articulação acontecer, muitas mudanças tenham que ocorrer, tendo em vista que ele aponta uma crise de paradigmas, de um lado alunos questionando os professores e mostrando insatisfação com a aprendizagem e do outro, professores questionando as famílias, por não darem os valores morais que fariam os alunos respeitar as regras estabelecidas na escola.

Ainda sobre a crise de paradigmas, Aquino deixa claro que o acesso à educação é a forma mais efetiva do aluno encontrar o exercício da cidadania e o seu “eu” cidadão.

Os dados mostraram que a maioria dos professores presenciaram comportamentos indisciplinados na sala de aula e que mesmo que com menos frequência eles estão ali, um dado que requer atenção é o fato de nenhum professor ter ressaltado não existir comportamentos indisciplinados na escola, mostrando o quanto a indisciplina está presente na sala de aula.

Para Charlot (2002) indisciplina escolar tem se ampliado pelo olhar dos professores, está presente na sala de aula e conseqüentemente na escola, para ele, indisciplina é conceituada como “**Incivilidade**”.

Segundo Charlot (2002, p. 437) as incivildades referem-se a comportamentos que contradizem as regras de boa convivência. Exatamente como a fala exposta pelos professores “*Falta de interesse gerando conversas paralelas, brincadeiras; comportamentos agressivos e/ou desrespeitoso*”,

Podemos perceber que essa incivilidade está presente na escola e vemos uma crescente no reflexo social dela nos tempos atuais, para o autor o ambiente/bairro, onde a escola está inserida gera um impacto nas ações de incivilidade, ressalta ainda

que, ambiente/bairro com alto índice de agressividade e violência, geram escolas propícias à violência, já que para ele os desacertos ocorridos fora da escola, podem vir a serem resolvidos dentro dela, ocasionando uma agressividade educacional.

A média de tempo gasto em sala de aula com comportamentos indisciplinados, mostra o quanto a indisciplina está afetando e muito, a aprendizagem do aluno, as aulas costumam variar de quarenta e cinco a cinquenta minutos e o estudo trouxe que cerca de trinta por cento do tempo da aula é gasto, pelo professor para que ele consiga colocar a sala em ordem e em silêncio, para só depois começar a aula em si.

Sendo assim os alunos perdem um tempo significativo de aprendizagem e essa dinâmica, pode estar contribuindo para o desânimo dos alunos, para Aquino (1996), professor e aluno estão jogando o mesmo jogo e não existe possibilidade de se jogar sozinho. O autor afirma ainda que, para começar a pensar sobre a inquietude que a indisciplina traz, é necessário um recuo de pensamento. Ele diz: “Quais os significados da indisciplina escolar? E quais os recursos possíveis de enfrentamento do tema quando tomado como objeto de reflexão e/ ou problema concreto?” (Aquino, 2016, p. 40).

Através das informações, as reflexões tornam-se mais que pertinentes, não podemos conceituar a indisciplina como falta de limites do aluno, rotulando o seu comportamento como a falta de limites impostos pela família, aceitar conceito, que responsabiliza o aluno, pelo meio que ele está inserido, é negar a ele, o direito de ser como é, para Charlot (2002) o comportamento de incivilidade, agressividade e violência, é bem raro encontrar entre os alunos que acham sentido e prazer na escola.

As informações sobre o currículo paulista e a associação do mesmo com comportamentos indisciplinados, reforça a questão da formação do professor, tendo em vista que mais de quarenta por cento, dos professores que responderam as pesquisa, não conseguiram criar uma relação entre o que se ensina e o comportamento de alunos, Aquino (1996) aponta uma insatisfação dos alunos com a escola tradicional, com a forma de ensinar, onde o professor é o detentor de conhecimento e o aluno apenas uma plateia silenciosa, assim como Freire (1996), ele ressalta a importância de olhar a inquietude do aluno com um olhar mais dialógico.

Souza (2012), no mesmo sentido, diz que a indisciplina sinaliza para algo que não está bem na educação e no ambiente escolar e que mudanças são necessárias, para o melhor desenvolvimento do aluno e professor, e consequentemente de toda a escola. O autor ressalta ainda que a indisciplina engloba

diversos aspectos relacionados à família, sociedade, escola, professor e a forma como tudo isso interage entre si e no ambiente escolar.

Finalizando podemos observar uma discrepância nos dados, os mesmos professores que foram unânimes em conceituar indisciplina, como sendo um problema de cunho familiar e que a falta de limites dos alunos na escola tem associação direta com a educação que recebem, também foram unânimes em responder que a disciplina de Arte, pode contribuir e muito para o comportamento indisciplinado dos alunos.

Podemos avaliar essa discrepância de várias formas, e levantar alguns pressupostos. A disciplina arte contribui por ter sua natureza epistemológica se fundamentar no caos e o caos que está presente no comportamento dos alunos considerados “indisciplinados” o que para a arte, seria algo produtivo.

Os professores ressaltam:

- *“As aulas de arte proporcionam um espaço para os alunos expressarem suas emoções e pensamentos de maneira criativa. Incentivando a realização de projetos em grupos trabalhando a colaboração e a comunicação entre os alunos”*
- *“A arte em si tem um papel fundamental, principalmente nas questões de construção de confiança e o senso de identidade”*
- *“As aulas podem ajudar no desenvolvimento das competências sócio emocionais e de forma lúdica trabalhar valores morais, éticos e estéticos, focando a formação cidadã ”*
- *“Através da realização de atividades artísticas a criança desenvolve sentimentos, autoestima, capacidade de representar o simbólico, analisando, avaliando e fazendo interpretações, desenvolvendo habilidades específicas da área das artes”*

As informações apontam a disciplina Arte como a solução dos problemas educacionais, através dela, segundo os dados o aluno está sendo preparado em diversos aspectos inclusive para melhorar o comportamento indisciplinado.

A contradição nos dados, mostra a realidade educacional em que a pesquisa foi realizada, professores culpabilizam a família e enaltecem a arte, se a “culpa” da indisciplina está fora da escola, como uma das soluções estaria dentro dela, se os dados mostram que o currículo é quase irrelevante na indisciplina, como uma matéria do currículo pode ser vista, como algo tão importante na construção de uma outra visão para a indisciplina, se através da arte o aluno consegue canalizar a indisciplina

para outros caminhos, fazendo reflexões que influenciam seu cotidiano, porque isso não acontece nas outras matérias do currículo? Uma questão familiar? Ou uma questão de formação docente? Ou apenas um sistema educacional que não evidencia o “Eu” aluno/professor/gestor/funcionário? Ou as políticas públicas que não se importam com a desigualdade social e que fortalecem cada vez mais a meritocracia?

Segundo Charlot (2002), todas as perguntas acima seriam respondidas de uma única forma, para ele violência na escola, agressividade e incivilidade está presente e pode ocorrer por diversos aspectos, como ressaltamos acima, mas independe das dessas ações na escola, o mais importante não está em perceber a causa, apesar das contribuições que elas trazem, pois estão intimamente ligadas às ações do cotidiano, o mais importante e que está em jogo é a capacidade da escola e seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional simbólica.

4.2 Aulas

Nesta subseção o objetivo é trazer as informações construídas na pesquisa, com o instrumento aulas. Para responder a questão de pesquisa vamos utilizar apenas a aula de teatro, realizada em duas horas aulas, pois, a utilização de todas as aulas aplicadas na pesquisa, tornaria o processo de análise muito demorado, por se tratar de mestrado, percebemos que os dados das aulas de teatro, associados ao questionário aplicado aos professores, responderia a questão de pesquisa.

Para o melhor entendimento das informações a aula será exposta em três etapas.

1. Introdução
2. Desenvolvimento
3. Conclusão

Na introdução está a apresentação da professora para os alunos, explanando para eles a ideia da pesquisa, além da dinâmica chamada “dinâmica das cores”. Esta dinâmica consiste em buscar a cor igual e se agrupar através dela, os alunos andaram pelo espaço aleatoriamente e quando a professora falou uma cor, todos que tinham a cor solicitada se juntaram no mesmo grupo. Ainda na introdução foi realizada uma

apresentação individual, onde o aluno tinha que falar seu nome, idade, qualidade e defeito.

No desenvolvimento está a aula de teatro em si, que foi realizada através dos jogos dramáticos, trabalhando temas como, traição, herança, racismo e roubo. A interpretação se deu de forma espontânea, onde os alunos se agruparam da forma que achavam melhor, criando grupos diversos, de muitas e de poucas pessoas.

A conclusão da aula foi a conversa sobre os temas, o que os alunos acharam sobre a aula e a organização do espaço.

A gravação das aulas não foi realizada com microfones, o que prejudicou a captação das falas, em alguns momentos, sendo assim, a aula será apresentada de forma descritiva, com enxertos relevantes e retextualização, para que os dados sejam analisados de forma clara e objetiva, sem prejuízos a pesquisa.

4.2.1 Aula de Teatro

Etapa 1- Introdução

Apresentação da proposta para os alunos, apresentação dos alunos para a professora e vice-versa.

Alunos entram e se sentam nas cadeiras (barulho, alunos arrumando a sala)

Neste momento os alunos estão agitados e fazem muito barulho.

A professora se apresenta e realiza o aquecimento.

Professora: Eu sou, silêncio, vamos, eu sou a professora Bárbara, vou dar uma aula diferente para vocês.

Professora: Tá bom, pra gente começar bem feliz, a gente vai começar assim, Oh, nós vamos todos andar, pelo espaço e eu vou falar uma cor, por exemplo, vou falar a cor verde, a pessoa que tiver verde, todos devem ir até ela, todo mundo lá, por exemplo, a pessoa tem a cor verde, então todos vão até ela.

Professora: Vou explicar a professora vai levantar a mão assim, (movimento dos alunos)(contando até três com as mãos)

Professora: A gente tenta ficar ciente pra gente poder fazer assim, eu vou fazer e vocês me escutem certo.

Professora: Então todas as vezes que a professora ergue a mão é atenção, fez isso aqui, todo mundo focado, então oh.

Professora: Vamos lá a comanda.

Dinâmica das cores

(muito barulho, conversas, risadas, todos os alunos participando)

(Fala aleatórias dos alunos)

Tá perdendo? Os caras querida, ah, mulher! Porra, sim, isso é nem em cima!

Fone! Tá? Não? Sim, Deus nossa. Ah, não. Ah, bom, não!

(muita risada e diversão) (barulho alto de risada e conversas)

(Fala aleatórias dos alunos)

Pois é. Tá esse negócio de Vale? Vai, eu acho assim, oh, oh, presta isso aí.

Apresentação Individual

Professora: Agora a gente vai falar o nome e se apresentar, quando falar o meu nome eu vou dizer algo positivo e algo negativo sobre mim, e eu vou falar boa que eu tenho uma coisa e falar uma coisa ruim, bom, (levanta, levanta, levanta, levanta,) (alunos querendo sentar) (nesse momento estávamos em roda em pé)

Professora: vou começar eu tenho uma qualidade muito boa, eu sou muito determinada, porém eu tenho um defeito muito gigante sou um pouco autoritária.

(várias conversas e indagações, muito barulho, muitos com vergonha)

Neste momentos os alunos vão respondendo e falando sobre as suas qualidades e defeitos, muitos brincaram, falando que não tinham defeitos, outros que já mudaram muito com relação a defeitos existentes, a interação neste momento ocorreu de forma muito natural, com brincadeiras e apontamentos nas respostas um do outro, um casal de namorados, foi apoiado em falar sobre a qualidade ser estar apaixonado, o clima deste momento foi de muita descontração, alegria e um pouco de vergonha, porém todos os alunos participaram.

(Fala diversas, muito barulho, pouca compreensão)

Aluno 1: Essa é boa gente não.

Professora: Qual é a sua qualidade?

Aluno 2: Companheira, orgulhosa.

Aluno 3 : Muito bem sou paciente, professora, sou do bem de verdade mesmo.

(Conversas e muita agitação)

Professora: Oh, o que que acontece com a gente, o que a gente tem que pensar é , quantas pessoas gostam das nossas qualidades?

Professora : Quando a gente olha para os nossos defeitos, isso faz uma reflexão dentro de nós , a gente começa a ter um olhar para nós, diferente do que a gente tinha. Por exemplo, eu tenho esse defeito, eu sou boa mãe, eu melhorei muito, mas ainda sou autoritária em algumas situações.

Por que? eu posso mudar?

Sabe? Então isso é uma definição, porque às vezes as pessoas poxa, tenho uma vibe, que é legal, livre. Mas tem hora que eu imponho o que eu quero, principalmente os meus filhos, eu tenho pelos meus filhos, essa autoridade, reconheço como um mal, quando eu quero impor essa autoridade, não é bom. Nossos defeitos e qualidades são construídos e destruídos no decorrer da vida, aumenta, diminui, muda.

Etapa 2 - Desenvolvimento da aula

No desenvolvimento foi realizada a interpretação através de alguns temas, o jogo dramático realizado em grupo foi pensado durante quinze minutos, neste tempo os alunos criaram as ações dos personagens, nomes, características, o roteiro da cena e a sequência de entrada. O jogo dramático permite a improvisação natural, portanto, não foi necessário a escrita das falas. Após o tempo de montagem os alunos organizaram a sala para uma apresentação, colocando as cadeiras em fileiras e deixando um espaço alusivo ao palco.

Os grupos organizaram a sequência das apresentações de forma democrática e flexível, sem nenhuma imposição, tanto na apresentação, como nos outros momentos da aula, todos os alunos participaram efetivamente.

Agrupamento democrático

Professor: Eu vou contar até dez vocês vão ter que se juntar de acordo com quem vocês têm amizade, com quem são mais próximos.

Professora: Vamos lá ,bom, quando der dez, eu vou dar um tema pra gente poder fazer com que a peça exista.

(Confusão, barulho, correria, conversas)

Explicação da atividade

Professora: Vamos trabalhar um jogo dramático, que é um jogo dramático, é uma de cena de improvisação realizada através de conflito.

Então ele precisa ter um conflito, pra gente poder organizar, pra gente poder falar pra gente poder fazer a encenação.

Professora (voltando no acordo inicial de levantar os três dedos e ela poder falar) Só combinar se eu tiver falando vocês estiverem falando junto comigo não vai rolar!

Aluno 4: Ai meu Deus, não tá acabando de falar. (reclamando por que ainda está com barulho)

Professora: Vou explicar pra vocês, o jogo dramático é como se a gente fosse brincar de encenar.

Eu vou dar um tema pra cada grupo e vocês vão ter que criar uma encenação que tenha algum tipo de conflito.

A gente consegue trabalhar a interpretação de forma natural, tá bom, eu vou marcar o tempo de quinze minutos e vamos apresentar.

Professora: Então vai ser o tempo que vocês vão conversar no tempo, quem vai entrar primeiro, quem vai falar o nome dos personagens e depois vai se apresentar.

Professora: Todos vão analisar todas as apresentações e a gente vai falar o que a gente achou bom, e que pode melhorar.

(Conversas aleatórias para a montagem)

Neste momento foi explicado aos alunos a importância das regras quando vamos ao teatro, como nos organizamos para isso.

Apresentações

Professora: Ah, vamos ao teatro, então sempre, nós organizamos quando a gente entra pra assistir uma apresentação de teatro, em um teatro, temos que primeiro saber a dificuldade de quem está encenando, e nos adequar ao ambiente para não atrapalhar a encenação, então quando chegamos no teatro tem três campanha.

A primeira é pra ver os atores, estão se organizados, todo mundo preparado, e o público entrando no teatro, a segunda para acomodação e a terceira para começar a encenação, então seguiremos essa regra aqui também, ok

Pra gente poder saber quando a gente vai ao teatro somos espectador e precisamos saber dessas regras.

Professora: Se vocês tiverem que conversar alguma coisa sobre a apresentação, conversem depois com o grupo de vocês ali. Porque senão, não dá certo. Na primeira, não, segunda a campanha, terceira pode começar.

Interações Grupo 1 Tema Relacionamento (Traição)

Nesta cena o namorado pega a namorada com o amigo dela e fica desorientado, dois dos seus amigos tentam consolá-lo.

Aluno 1 (amigo)Vitor, do céu, se acalma!

Aluno 2 (namorado)Não importa de novo isso, você não sabe quem que é ?.

Aluno 3 (amigo)Eu vi com sua namorada o que aconteceu, que ele é amigo, vai lá, e agora, viu o melhor amigo dele, Tallarico.

Aluno 2 (namorado)Vou sim, entendi, eles vão ver o que é bom, (vai em direção ao amigo da namorada) não é que você tá aí?

Aluna 1 (namorada)Desculpa que ele fez essas coisas? Tá bom. (conversando com o amigo dela)

Aluno 2 (namorado)Eu te perdoo, mas pare com isso.

Aluna 1(namorada) Cadê o respeito? Ele é só meu amigo.

Professora: Já terminou? vamos lá concentra

Alunos: sim, ok, tá jóia, (aplausos e muita risada, muita agitação dos alunos, brincadeiras)

Interações Grupo 2 Tema Conflito Familiar (Briga por herança)

Nesta encenação dois irmãos brigam por conta da terra deixada pelo pai e acaba acontecendo um assassinato em massa, uma tragédia, pois o irmão que sempre morou na fazenda, não aceita a venda dela e o outro irmão quer os papéis para poder vendê-la

Professora: Terceira campanha aqui, pode começar.

(Alunos interpretando como se estivessem carpindo)

(Plateia em silêncio)

Aluna1 (esposa): Aí vou chegar irmão, fala, cunhado, é, aí?

Aluno 2 (Irmão da cidade) Parece que agora vai começar a terra vai ficar comigo, eu quero o papel e a assinatura, pega lá pra eu ver, e vender.

Aluno 3 (irmão da fazenda) tá certo, eu quero ver então, o pai morreu, a terra tem que ficar comigo, tira a mão de mim, malandro.

Aluna 1 (esposa) Calma, calma (Acalmando o marido que estava carpindo e que começou ficar alterado)

Aluno 2 (irmão da cidade) Eu quero ver os papel, o papel taí? Vai pegar o papel sim, quer ver, (Atira na cabeça do filho do irmão que estava capinando)

Aluna 1: (esposa) (desesperada com a morte do filho) Meu Deus, Graça, meu Deus.

Aluno 2 (irmão da cidade) Eu quero o papel desgraça

Aluno 1 (irmão da fazenda) (saca uma arma e mata o irmão e o capanga)

Interações Grupo 3 Tema Mercado (Assalto)

Nesta interpretação os alunos organizaram um assalto no mercado, uma cliente passando no caixa é abordada por um indivíduo armado, que a faz de refém, logo em seguida a polícia chega e mobiliza o indivíduo, levando o para a prisão.

Aluno 1: (Caixa do mercado) Sua compra deu mil reais

Aluno 2: (cliente) Pagar no pix

(aparece um ladrão para assaltar o mercado)

Aluno 3 (Ladrão) Vai, vai, vai, vai, deita no chão, deita no chão, vai, vai, não, tem que ver mais.

(chega a polícia e consegue pegar o bandido, plateia comemora)

Aluno 4 (polícia) Tá preso, não se mexe, mão na cabeça

(caixa levanta e começa a chutar o ladrão) (aplausos)

(os alunos, sentados e envolvidos na apresentação, felizes)

Professora: Primeira campanha, segunda campanha, terceira campanha (Alunos gritando, cala a boca)

Interações Grupo 4 Tema Praça (Julgamento do corpo)

Nesta apresentação duas alunas uma gorda e outra gorda e alta, passeiam pela praça, quando são alvo de críticas e xingamentos por conta do corpo delas, as duas tiram satisfação.

Aluna 1 (aluna gorda) O que você está falando aí?

Aluna 2 (aluna alta e gorda) É isso mesmo que nós escutamos.

Aluna 3 (aluna magra) Não disse nada

Aluna 4 (amiga da aluna magra) Eu falei mesmo

Aluna 1 (aluna gorda) vem aqui

Aluna 4 (amiga da aluna magra) Duas gordas

(barulho, não entendimento, aplausos)

Alunos: eu não entendi, não entendi

Professora: Calma, nós vamos voltar, depois dos questionamentos para a melhoria.

(conversa do grupo e barulho de conversas)

Professora: Primeira campanha, segunda campanha, silêncio pessoal, vamos prestar atenção, terceira campanha.

Interações Grupo 5 Tema conflito racial

Nesta apresentação os alunos abordaram o tema racismo, amigos estão passeando, até que cruzam com um menino negro e começam a ofendê-lo, o menino tenta reagir, mas não consegue, então um outro menino passa e ao ver a situação toma as dores do menino negro.

Aluno 1 (racista) E o lá Mateus um preto, olha ali o petróleo

Aluno 2 (racista 2) Olha, entendeu! Você quer um sabonete pra lavar?

(os dois alunos riem, e os alunos negros ficam sentados coagidos)

Aluno 3 (ofendido) Não fala assim com a gente não,

Aluno 1 (racista) Falo sim, sou racista mesmo.

(chega mais dois alunos para compor a cena)

Aluno 4 (defensor) O que é isso, em pleno 2023, falar que é racista.

Aluno 5 (defensor 2) Com tanta tecnologia.

Aluno 1 (racista) Não interessa é tudo preto, esses sacos de lixo,

(risos, desconcentração e um certo desconforto nos alunos negros)

Aluno 1 (racista) Ah agora eu percebi, que embora ele seja um bombril ele é uma pessoa. (risos)

Aluno 2 (racista 2) Mas será que existe racismo reverso? Chamar alguém de leite ninho, pra vocês, perfeito, é preconceito?

(muita conversa dos alunos em cena, os alunos negros quase não falaram)

Professora; Eu achei as interpretações muito boas.

Vamos refazer as apresentações, utilizando um pouco de técnica agora.

Por exemplo, nossa apresentação, ela vai ter que ser só até aqui. (demarcando o espaço.) Porque ficou muito pra trás, aí a gente chegou perto, mas não deu pra escutar bem. Por exemplo, quando a gente vai entrar no teatro, que a gente vai fazer a improvisação, temos que pensar na ação que eu vou fazer

Ah, é uma sala de casa? Então o que que eu posso fazer?

Eu posso pegar aqui, oh e montar meu cenário, então eu vou ter um cenário improvisado, para construir a cena.

Vou fazer uma encenação, por exemplo, se houver apresentação e fica aqui em cima, o colega não vai escutar.

Então sempre que eu vou encenar, eu procuro marcações que vão favorecer a apresentação. Então, o que que eu faço? Eu posso estar mais perto das pessoas?

A gente começa a tremer, menina a gente vê.

Então, por exemplo, que eu fiz a minha cena na minha casa, linda, eu já saio de cena, como se estivesse saindo da casa de verdade.

Exemplo

Ah, claro, um posso colocar o banco aqui, pode usar a mesa, mas assim, a gente vai usar e mudar sempre o cenário. Até esse cenário se transforma em outra coisa no teatro.

Outra coisa é quando você fala, e fala todo mundo ao mesmo tempo. Não tem como você falar, né?

As meninas falaram muito baixinho, ficaram no canto de lá, podem vir mais pra frente então. vocês. Por exemplo, a cena dela é de conflito, mas, necessariamente, precisa ser uma cena de agressão.

É, mas é isso eu acho

Ah, atenção vamos fazer é nós vamos fazer a iniciação partindo do cenário, tem que falar, com muita emoção, improvisação e criatividade.

Então a professora vai dar mais cinco minutos pra vocês estruturarem a apresentação de vocês.

(conversas sobre os temas, muito foco, todos os alunos envolvidos na aula)

Dá um tempo para vocês, já foram três.

Organização para as novas apresentações

Na segunda vez das apresentações, o mesmo grupo se apresentou, utilizando o mesmo tema e fazendo as melhorias apontadas na apresentação anterior. Observamos uma melhora significativa, principalmente com relação a movimentação em cena, cenários, entradas e saídas e comportamento dos alunos como espectadores, o silêncio, envolvimento e respeito deles com o grupo que estava se apresentando.

Todos os alunos refizeram as apresentações, mas será evidenciada a seguir os enxertos, que mostram uma melhora no desenvolvimento da cena. Os recortes a seguir mostram a facilidade que eles tiveram em interagirem uns com os outros, observando os aspectos apontados como negativos e os melhorando através do desafio de refazer a apresentação.

Interações Grupo 1 Tema Relacionamento (Traição)

Terceira campanha. (Alunos completamente em silêncio, sem a comanda de levantar os dedos, apenas com a campanha)

Aluno1: amor do céu, é difícil de acreditar, se é louco, confiei em vocês e agiram assim comigo, como é que você pode fazer isso? E você é meu melhor amigo. Você teve coragem?

Aluno 2: Mano, eu fiz isso, tem dois dias que estamos conversando ai comecei a ter coragem.

Aluno 1: Como vocês fizeram isso comigo, não pode ser, eu ia casar com ela, agora se acabou com a minha vida.

Professora: A meninos, Parabéns! Ficou muito melhor que na primeira vez, mas se a gente fizer na semana que vem, melhorar ainda mais, vamos lá quem mais quer apresentar novamente?

Interações Grupo 2 Tema Conflito Familiar (Briga por herança)

Respira, concentra

Aluno1: Oi, pode começar? E aí Irmão, e a terra! Você vai ficar na terra da nossa família.

Aluno 2: Você não vai me deixar o papel da terra, eu quero esse papel, porque eu também tenho direito

Aluno 3:Vai tio, vai pegar o papel, vai, vai não? (alunos perderam a concentração e observaram que na primeira vez o nervosismo puxou a concentração)

Alunos; Mas a gente que fazer novamente?

Professora: Só se quiserem retomar.

Não conseguiram manter a concentração

Interações Grupo 5 Tema conflito racial

Aluno1:Tinha que ser preto, né? Deixa eu ver de perto, fica perto aí pra eu ver se é preto ou não.

Aluno2:Tenho uma amiga que é na branca, minha mãe e meu irmão também

Aluno3:Peraí, você tá tirando né é um bando de preto

Aluno 2:também sai daqui, água de salsicha?

Aluno 4: Ah não , na era da tecnologia eles estão aqui fazendo racismo, vamos acalmar.

Aluno: resolver as brigas, matando aqui Oh, mata o racista.

Etapa 3 - Conclusão da aula

Na discussão sobre os temas os alunos relataram, que os temas fazem parte do cotidiano deles e que alguns, inclusive, já tinham passado por situações de conflitos semelhantes aos da apresentação, sobre o racismo pontuaram que a sociedade é racista, alguns alunos deram o exemplo da abordagem policial nos bairros. Sobre a interação na aula, pontuaram que o fato da aula ser dinâmica, todos quiseram participar, mas que normalmente eles não participam.

As interações professora-alunos ocorreram em diversos momentos, na observação das comandas, na observação das regras, no ensino das técnicas, nas perguntas sobre como fazer a encenação.

Apresentações

Professora: Ah, vamos ao teatro, então sempre, nós organizarmos quando a gente entra pra assistir uma apresentação de teatro, em um teatro, temos que primeiro saber a dificuldade de quem está encenando, e nos adequar ao ambiente para não atrapalhar a encenação, então quando chegamos no teatro tem três campanha.

A primeira é pra ver os atores, estão se organizados, todo mundo preparado, e o público entrando no teatro, a segunda para acomodação e a terceira para começar a encenação, então seguiremos essa regra aqui também, ok

Pra gente poder saber quando a gente vai ao teatro somos espectador e precisamos saber dessas regras.

Professora: Se vocês tiverem que conversar alguma coisa sobre a apresentação, conversem depois com o grupo de vocês ali. Porque senão, não dá certo. Na primeira, não, segunda a campanha, terceira pode começar.

Dinâmica de encerramento

Neste momento, os alunos e a professora formam um grande círculo de mãos dadas e correm juntos para o centro, quando chegam no centro, gritam a palavra Há, com toda força e energia, em seguida todos aplaudem.

Ah, não, não pode soltar, não pode soltar.

É o seguinte, segura por minha mão, não pode soltar. Nós vamos bem devagar a primeira vez, todo mundo lá no centro, ai vamos dar um Há bem alto o máximo que a gente conseguir. Aí nós vamos voltar

No final da aula os alunos arrumaram a sala e não queriam ir embora, muitos agradeceram, a felicidade e alegria era nítida no comportamento deles, elogiaram muito.

Em nenhum momento da aula ocorreu ações ditas indisciplinadas, em nenhum momento houve desrespeito de um aluno para com o outro, pelo contrário existiu um companheirismo e uma visão coletiva diferente da esperada por alunos considerados “indisciplinados”.

No primeiro momento eles estavam totalmente agitados, falantes e buscando entender o que estava acontecendo, conforme eles perceberam a comanda da professora, onde o levantar dos dedos e a contagem até três indicava silêncio, logo se tornou automático, ao levantar a mão já se observava o silêncio para ouvir o que era para ser feito.

Seção 4.2.2 Educando o olhar com a teoria

Para as pessoas leigas, o movimento agitado dos alunos nas aulas de Arte, até pode parecer um caos, mas, sabemos que essa agitação é uma ação necessária e de certa forma essencial para que as aulas de Arte, possam fluir tranquilamente.

Para o psicanalista Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013), a vida pode ser evidenciada a partir de três aspectos: “**a realidade psíquica**”, “**a do mundo real**” e “**a da brincadeira**”; todas relacionadas à gestação, a infância, a adolescência, a juventude e a vida adulta.

Para ele, somos criativos em si, independente da objetividade ou subjetividade, porém o meio em que estamos inseridos, pode ser um facilitador ou não desta criatividade e sobre o aspecto da brincadeira é que se organiza a criatividade.

Observamos então que, muitas vezes, a desordem em sala de aula, pode ser vista por muitos como uma falta de gestão de sala de aula ou de controle dos alunos, mas, quando deixamos esses alunos livres com o seu “eu” criativo, como ocorre nas aulas de Arte, podemos constatar uma criatividade genuína, apontada por Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013) como “ideia embrionárias que borbulham pelo mundo dos jovens”, para ele o jovem está nascendo para o mundo adulto e a falta de maturidade muitas vezes apontada por pais e professores, como algo ruim, nada mais é do que o “brotar de novas ideias”.

Uma dessas queixas é sobre a imaturidade do adolescente, a qual é abordada de forma positiva por Winnicott (2005 *apud* Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013).

quando afirma que a imaturidade é parte preciosa da adolescência, pois contém características fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, ideias para um modo de vida diferente. A sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações de seus membros mais jovens. O momento de imaturidade é o momento de chance de brotarem novas maneiras de enxergar as coisas, e cabe aos adultos e pais maduros a responsabilidade e o aproveitamento das ideias embrionárias que borbulham pelo mundo jovem. O adolescente é um ser recém-nascido em seu desejo de conhecer o mundo. Assim sendo, o desejo de saber e obter prazer pelo saber inicia-se pelo relacionamento dos pais com os filhos; depois, mais tarde, os professores e a escola assumem grande parte dessa função (Domingues; Almeida; Cerqueira, 2013, p. 6).

Segundo o autor, o prazer em aprender está diretamente ligado às relações, a princípio com os pais e logo em seguida com a escola. Corroborando com esse pensamento Aquino pontua uma inquietude do aluno que pode ser relacionada com esse nascimento para a vida adulta, transformando-a em algo totalmente positivo e deve ser visto como uma ferramenta pedagógica e não como uma ameaça à ordem da tão sonhada “disciplina escolar”.

Aquino (2016) aborda as práticas educativas de três formas, o que ele chama de “tríade da escolarização”. A epistêmica, a socializante e a profissionalizante.

Na primeira estaria em evidência o conhecimento geral da sociedade e onde a criança ou adolescente estariam recebendo os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, o conhecimento cultural; na segunda estaria a relação entre os sujeitos e a forma como eles interagem; já na terceira seria a formação para o trabalho.

É sobre a perspectiva socializante que vamos discorrer esta subseção, especificamente com o olhar para as interações ocorrida nas aulas de Arte, entre aluno-aluno e aluno-professora.

Para o levantamento destas interações faremos as análises partindo a princípio de duas categorias, baseada nos conceitos de Yves de La Taille, onde a indisciplina pode ser entendida como uma revolta em relação às normas ou o desconhecimento delas. Partindo do pressuposto de que nas aulas de arte ocorrem diferentes interações, entre aluno-aluno e aluno-professora.

Observamos na tabela a seguir as categorias e as informações.

Categoria dos dados	
Categoria 1	Categoria 2
Indisciplina pode ser entendida como uma revolta em relação às normas	Indisciplina pode ser entendida como o desconhecimento das normas
Objeto de análise (duas aulas de teatro)	
Etapa 1- Introdução 1. Apresentação da proposta para os alunos, apresentação dos alunos para a professora e vice versa. 2. Alunos entram e se sentam nas cadeiras, (barulho, alunos arrumando a sala,) 3. Neste momento os alunos estão agitados e fazem muito barulho.	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação ● Dinâmica das cores ● Apresentação individual
Etapa2 -Desenvolvimento da aula No desenvolvimento foi realizada a interpretação através de alguns temas, o jogo dramático realizado em grupo foi pensado durante quinze minutos, neste tempo os alunos criaram as ações dos personagens, nomes, características, o roteiro da cena e a sequência de entrada.	<ul style="list-style-type: none"> ● Agrupamento democrático ● Apresentações ● Interações Grupo 1 Tema Relacionamento (Traição) ● Interações Grupo 2 Tema Conflito Familiar (Briga por herança) ● Interações Grupo 3 Tema Mercado (Assalto) ● Interações Grupo 4 Tema Praça (Julgamento do corpo) ● Interações Grupo 5 Tema conflito racial ● Organização para as novas apresentações.
Etapa 3- Conclusão da aula A conclusão da aula está a conversa sobre os temas, dinâmica de encerramento a organização do espaço	<ul style="list-style-type: none"> ● Dinâmica de encerramento

Podemos perceber através dos dados, que as categorias pré-estabelecidas para análise, baseada nos conceitos de Yves de La Taille, não conseguiram substanciar respostas satisfatórias para a questão de pesquisa, tendo em vista que os alunos ditos “indisciplinados” pela escola, não se opuseram em nenhum momento contra as regras. Os comandos pedagógicos realizados pela professora foram cumpridos de forma efetiva, apontando o conhecimento e respeito as regras estabelecidas para a aula.

4.3 Um olhar para a indisciplina através das aulas de Arte

Sendo assim, novas categorias foram criadas, como podemos observar no quadro a seguir:

- Categoria 1 - Indisciplina é o grande problema da educação atual? Como aponta Aquino
- Categoria 2 - Comportamentos de indisciplina-(incivilidades), é reflexo social do meio/lugar onde a escola está inserida? Como aponta Charlot.
- Categoria 3 - Existe uma condição marginal do negro? Como aponta Coduru
- Categoria 4 - A liberdade está diretamente ligada a criatividade.
- Categoria 5 - Jogo teatral/Dramático

Categoria 1	Análise Instrumento Questionário
Indisciplina seria o grande problema da Educação Atual? Como aponta Aquino (2008)	De acordo com os dados obtidos, a resposta seria “sim” , a indisciplina está presente na sala de aula, fazendo com que os professores percam um tempo considerável de aula, com comportamentos indisciplinados, como observamos nos gráficos 1 e 2.
	Análise Instrumento Aulas
Indisciplina seria o grande problema da Educação Atual? Como aponta Aquino (2008)	De acordo com os dados obtidos, a resposta seria “não”, a indisciplina não seria o grande problema da educação atual, tendo em vista que durante as aulas de Arte, não foi observado nenhum comportamento indisciplinado.
Um dos apontamentos que a pesquisa traz, é a relevância das aulas de Arte na escola e como ela é vista pelos professores como a disciplina que colabora para a melhoria da indisciplina na escola e a melhora do comportamento indisciplinado dos alunos.	
Categoria 2	Análise Instrumento Questionário
Comportamentos de indisciplina-(incivilidades), segundo Charlot (....) é reflexo social do meio/lugar onde a escola está inserida.	De acordo com os dados obtidos, os alunos com comportamentos indisciplinados, são alunos que não recebem de suas famílias a educação necessária para que esses comportamentos não existam, o que indica um reflexo da organização familiar dentro da escola e fortalecendo a ideia de Charlot.
	Análise Instrumento Aulas
Comportamentos de indisciplina-(incivilidades), segundo Charlot (....) é reflexo social do meio/lugar onde a escola está inserida.	De acordo com os dados obtidos nas aulas, os comportamentos indisciplinados não ocorreram, mas foi evidenciado um mal estar entre os alunos, na apresentação sobre o racismo, observou-se o quanto o racismo estrutural está presente na sociedade e conseqüentemente na escola, alunos trouxeram através das falas, ofensas como: “cor de pixe”, “cabelo de bombril”, “cor de quixute” , “preto sujo”. Essas falas são o reflexo da comunidade onde esses alunos estão inseridos e mesmo que não tenha acontecidos comportamentos indisciplinados na pratica, essas falas sinalizam sobre a importância de uma educação antirracista.

Categoria 3	Análise Instrumento Questionário
Condição marginal do negro	De acordo com os dados obtidos, ocorreu nenhum apontamento sobre esta categoria.
Condição marginal do negro	Análise Instrumento Aulas De acordo com os dados obtidos, a condição a que se refere a categoria 3, foi evidenciada através da apresentação de teatro do grupo 5, nela podemos observar que o negro ainda está em condição marginal, mesmo que de forma velada, ou com a desculpa da “brincadeira” observamos que essa condição existe.
Categoria 4	Análise Instrumento Questionário
Segundo Dewey(Ano) a liberdade está diretamente ligada a criatividade.	De acordo com os dados obtidos, a disciplina Arte é vista, como aquela, em que o aluno consegue expressar suas emoções, através das atividades artísticas, essa liberdade estimula a criatividade do aluno, seu desenvolvimento, fortalecendo sua existência enquanto sujeito e o distanciando-os de comportamentos indisciplinados.
	Análise Instrumento Aulas
Segundo Dewey(Ano) a liberdade está diretamente ligada a criatividade.	De acordo com os dados obtidos nas aulas, a liberdade foi essencial pra que os alunos se sentissem à vontade para criar, sem imposições ou regras autoritárias, eles tiveram organização e conseguiram realizar a atividade de improvisação, com muita criatividade.
Categoria 5	Análise Instrumento Questionário
Viola Spolin (Jogo teatral/ Dramático)	De acordo com os dados obtidos, a Arte em sua essência modifica o aluno, contribuindo para a melhora da disciplina
Viola Spolin (Jogo teatral/Dramático)	Análise Instrumento Aulas
	De acordo com os dados obtidos na pesquisa, os jogos ocorridos durante as aulas, evidenciam a interação dos alunos com a arte de forma simples e genuína. Quase como uma criança brincando sem preocupação.

Concluímos essa seção olhando através do pressuposto, de que nas aulas de Arte ocorrem diferentes interações, entre aluno-aluno e aluno-professora, e consideramos que sim. Nas aulas de arte é possível observar diversas interações entre elas as que tangem, os aspectos, cognitivos, comportamentais e sociais.

Uma observação importante com relação às interações é que durante as aulas não ocorreram episódios de interação negativa, no tangente a indisciplina, apesar de ter sido evidenciada atitudes racistas, que aponta o reflexo da estrutura social destes alunos.

No decorrer de toda a aula eles se mantiveram atentos às regras e as comandas, a princípio existiu uma “agitação” por parte dos alunos, já esperada pela professora, tendo em vista, que para eles se tratava de algo novo, fora do cotidiano, a “agitação” foi bem compreendida, e foi se acalmando no decorrer das atividades, e mesmo nos momentos em que esteve presente, não prejudicou o bom andamento da aula.

Com o pressuposto identificado como positivo, responderemos à questão de pesquisa, **“Quais são as interações dos alunos considerados indisciplinados nas aulas de Arte, da educação básica?”**

Pelas informações apresentadas as interações foram diversas e positivas sobre a perspectiva da indisciplina, mas negativa em relação ao racismo ocorrido durante as apresentações.

Interações pedagógicas

- Interações no aspecto da comunicação (professora-alunos e alunos-alunos).
- Interações no aspecto das reflexões (sobre os temas dos jogos teatrais, principalmente na situação do racismo).
- Interações no aspecto do respeito (na forma respeitosa em que os grupos foram plateia e jogadores).
- Interações no aspecto das dinâmicas e brincadeiras.
- Interações no aspecto das regras (respeitos as regras pré-estabelecidas)
- Interações nos comportamentos coletivos (quando estavam organizando as apresentações)
- Interações dos alunos-alunos, professora-alunos (durante aula como um todo)

Essas interações ressaltam o objetivo do jogo teatral, segundo Spolin (2017) que é propiciar um lugar onde a parceria professor-aluno, seja capaz de proporcionar um “envolvimento” e que através dele, consigam entrar em contato com o **“comunicar”, “experimental”, “responder” e “descobrir”**.

Um aspecto importante observado é que a indisciplina, que rotulou esses alunos como pertencentes a sala mais indisciplinada da escola, não esteve presente em nenhum momento da realização das atividades. Eles estiveram sempre atentos, brincando e se divertindo como jovens que são, um dos fatores que podemos observar é que todos os alunos sem exceção tiveram uma excelente interação enquanto coletivo, no tratante as regras de convivência.

Os alunos considerados “indisciplinados”, mostraram muito pouco desta “dita indisciplina”, mantiveram a ordem esperada para a aula.

As interações ocorridas durante as dinâmicas, tanto no que se refere a alunos-alunos, como nas interações professora-aluno, não existiu comportamento indisciplinado, apenas muito barulho, brincadeiras e risadas, que contribuíram para a leveza da aula, sempre que foi solicitado silêncio, ele foi observado tranquilamente, e do meio da aula em diante nem existiu a necessidade de solicitá-lo, tornou-se automático.

Interações de acordo com as categorias

Observando as categorias percebemos quantas interações ocorreram nas aulas de Arte.

Com relação a indisciplina ser o grande problema da educação atual, não ocorreu nenhuma interação que apontasse para isso, porém na categoria de reflexo social, foi observado o racismo estrutural, sinalizando que a escola é sim influenciada pelo ambiente que ela está inserida e que a incivilidade/indisciplina pode ocorrer com maior frequência em escolas localizadas em territórios com maior vulnerabilidade social.

Observando a categoria três “Condição marginal do negro”, as informações obtidas nos fazem perceber que as interações que ocorreram durante a apresentação sobre -Racismo- foi responsável por introduzir um debate não previsto, ao final da aula, onde os alunos refletiram sobre o racismo e relataram passar por situação de

racismo no cotidiano, deixando claro, que alunos do ensino fundamental, realmente estão se perguntando “até quando as balas vão nos encontrar”.

Sendo assim, vale ressaltar a importância que nós educadores temos, em oportunizar diálogos na escola para ouvir esses alunos, suas experiências, seus medos e angústias, pois só assim conseguiremos fortalecer o jovem negro nas suas vivências -muitas vezes traumáticas- existentes no seu cotidiano, além de levar conhecimento racial aos alunos de forma geral.

A categoria quatro se pauta nas interações que ocorrem especificamente nas aulas de Arte, interações focadas na liberdade de criação, onde o conceito de “certo e errado” não são relevantes, e que mesmo existindo regras, elas se tornam flexíveis durante o processo.

As interações existentes nesta categoria, deixa claro que não é a falta de regras que gera a indisciplina, nem o excesso delas, e sim a forma como as regras são apresentadas aos alunos, essa interação professor/aluno, pode ser uma das causas da indisciplina.

Sobre este pensamento recorremos a Aquino (2016): “De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis muito bem delineados: o primeiro um general de papel e o segundo, um soldadinho de chumbo”.

Está afirmação e os apontamentos que ela enfatiza, trazendo os papéis definidos de professor-aluno, pode nos pareceres como algo que retrata o agora, mas, “portavam” ao que Aquino se refere, indica como era organizada a educação antigamente e como o autoritarismo e submissão eram vistos, como elementos essenciais para o bom desenvolvimento da convivência escolar.

Vale ressaltar que essa forma autoritária não é mais aceita pelos alunos e pelos dados da pesquisa, pressupõe-se, que as regras estabelecidas pela escola, ainda se pautam nestes papéis definidos, onde os alunos que não são soldadinhos de chumbo, se caracterizam como “indisciplinados”.

Portanto, um questionamento é necessário ser feito, no tocante a sala de aula, pois bem, a sala de aula, considerada a mais “indisciplinada” da escola, foi capaz de articular interações profundas, criativas, reflexivas e respeitadas, com uma professora que eles não conheciam, através de atividades que eles nunca fizeram, ocasionando uma aprendizagem significativa, através da aula de Arte, como aponta os dados, sem nenhum episódio de indisciplina. Seria mesmo essa sala, uma sala indisciplinada?

Questionamento a parte, voltamos o olhar novamente para as interações, ao relacioná-las com a fundamentação teórica, observamos que a educação não existe sem as interações, e para que elas ocorram de forma positiva em todas as disciplinas seria necessário considerar a natureza da Arte, no aspecto mais singelo, ligado a “liberdade”.

Neste sentido os professores das demais disciplinas da Base Nacional Comum Curricular, poderiam criar relações entre o que precisa ser aprendido pelo aluno enquanto currículo, e de que forma utilizar a natureza da arte para isso. Qual liberdade seria possível, dentro de uma determinada aprendizagem. E como essa liberdade pode ser um movimento positivo para as regras de convivência sem prejudicar o conhecimento.

A dureza existente na escola entre certo e errado, entre separar alunos como considerados “indisciplinados” ou não, poderia se abrir para interações mais leves, que contribuam para uma prática pautada na autenticidade de Freire(1996), no ambiente de troca como sugestiona Aquino (1998).

A leveza destas interações estaria presente na resposta dada pela escola, quando fosse questionada -qual é a sala de aula mais indisciplinada- o questionamento se perderia com a resposta, na nossa escola não dividimos nossas salas de aulas assim, pois acreditamos que cada sala tem sua particularidade, umas mais agitadas, outras menos, sabemos que são compostas por diversos alunos, com aspectos diferentes, valores e características distintas, essas diferenças, nos impulsionam para um desafio diário de manter a boa convivência, acolhendo os alunos nas diversas dificuldades, entre elas as de aprendizagem, as cognitivas e comportamentais entre outras.

Não podemos rotular uma sala, não devemos rotular alunos, pois na experimentação do aprender, estamos todos no mesmo caminho. Infelizmente, como observamos através dos dados, estamos longe de responder a essa pergunta assim, mas como vimos também, através dos dois instrumentos da pesquisa, as aulas de Arte na Educação Básica, apontam um olhar para a indisciplina.

Finalizamos essa dissertação com as reflexões existentes nos temas do título da **“Da ordem ao Caos”** e **“um olhar para indisciplina nas aulas Arte”**

Os conceitos ordem e caos não têm tanto quanto o conceito racionalidade uma significação normativa. Ordem não é per se positiva e caos não é per se negativo. Parece até que entre os dois existe uma mútua dependência (Brüseke, 1991, p. 42).

Percebemos que essa dialética existente nos conceitos, “da ordem e do caos”, se assemelha às questões associadas a indisciplina, que é tida como “desordem e caos”, sobre alguns aspectos, principalmente no que tangem as punições, mas, se apresenta também “como ordem e normalidade” tendo em vista que indisciplina se tornou algo tão normal no ambiente escolar, que a ordem escolar está diretamente relacionada a forma, que a escola se organiza através dela.

Sobre a reflexão contida em “um olhar para a indisciplina nas aulas de Arte”, podemos ressaltar que através da arte é possível uma nova abordagem para a indisciplina e que ao usar a Arte, podemos “desrotular” salas e alunos considerados “indisciplinado” favorecendo o movimento dialético que existe na **“A ORDEM E O CAOS”**.

Considerações finais

Finalizo ressaltando a importância do mestrado na minha vida e o quanto esta pesquisa pode contribuir para outras que venham depois dela, podemos recortar os dados obtidos para diversos olhares, como:

- Quais concepções dos professores de arte para a indisciplina?
- O modelo tradicional de ensino corrobora para a indisciplina escolar?
- Como os alunos se sentem em relação as punições ocorridas através da indisciplina?
- A indisciplina escolar e as punições que ocorrem, tem uma direta ligação ao racismo institucional?
- Quais as interações que ocorrem em outras aulas da BNCC ?

Essas são algumas possibilidades de estudos que podem surgir em decorrência dos dados apresentados.

Concluo que realizar o mestrado era um sonho desde que terminei a graduação em 2007, porém, minha vida passava por outros desafios, e se organiza com outras realizações, desde pequena, sempre tive que lutar para estudar, carregava os livros pra fora de casa para lê-los debaixo do poste, pois a luz era melhor, recebia doações da escola, de cadernos e lápis, e como minha família não tinha recursos para a compra dos livros paradidáticos, o que naquele momento histórico, era obrigação da família, recebia livros que deveriam ser usados pelos professores e apaga as respostas com corretivo ganhado por eles, sou grato a cada um.

A minha vida escolar sempre esteve pautada na vontade de estudar e nos desafios enfrentados cotidianamente, a falta de sapatos e roupas, alimentação, dificuldades que tive que aprender a conviver.

E sendo uma mulher, negra e da periferia, sempre escutei que estudar não era para mim, que abandonar os estudos para ajudar a família seria melhor e mais adequado, mas sempre amei os livros e o conhecimento, e tive a sorte de ter pais que mesmo que com poucos recursos sempre me incentivaram a estudar, minha mãe dizia, “o dinheiro podem abrir muitas portas, mas só a determinação vai te levar aonde você quer chegar”.

O mestrado profissional foi o testemunho de muita determinação, quando decidi voltar a estudar, tive que enfrentar mais uma vez os desafios do cotidiano, agora não

me faltava lápis, nem livros, mas só eu sei o que tive que superar para estar aqui escrevendo essas conclusões finais.

O mestrado mudou a minha vida em muitos aspectos, principalmente no intelectual, me posicionei com maior clareza sobre o meu tema de pesquisa, artigo melhor os autores, escrevo melhor o português e sei que a aprendizagem que recebi vai além da intelectualidade, ele me oportunizou o convívio com pessoas que admiro muito, entre elas a professora Dr. Maria do Carmo, por quem sinto uma gratidão que jamais conseguirei expressar em palavras, a única forma possível de agradecê-la é continuar estudando e me posicionando como a mulher negra que sou, o professor Dr. Fernando Galizia, que foi acolhedor no meu não aprender, e a professora Dra. Daniela Dotto machado, que me presenteou com a frase, “tenha amorosidade com você” talvez ela não tenha noção do quanto essa frase - dita naquele dia - impactou minha vida, como eu disse, eu sempre tive que lutar para conseguir estudar e agora não foi diferente.

Não sei quais desafios ainda terei que enfrentar, para continuar estudando, minhas perspectivas estão em ingressar no doutorado, dando continuidade no que foi evidenciado nesta pesquisa, articulando elementos da arte, associados com as outras disciplinas da base, além de escrever um livro já intitulado “em busca do aluno perdido”.

O mestrado profissional foi um marco na minha vida, e sei que o concluí-lo, me conforta, me acolhe e mostra, que por mais difícil que foi esse processo de quase sete anos, hoje posso soletrar em voz alta, **“EU CONSEGUI”**.

Referências

AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 181-204, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59634/62731>. Acesso em: 15 mar. 2018.

AQUINO, J. G. **Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Summus, 1999.

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina em sala de aula**: alternativas teóricas e práticas. 18. ed. São Paulo: Summus, 2016.

AQUINO, J. G. Da (contra)normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 143, 456-484, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200007>. Acesso em: 10 de fev. 2023

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001

BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. **Ensino da arte no Brasil**: aspectos históricos e metodológicos. São Paulo: REDEFOR, 2011. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

BIESDORF, R. K.; WANDSCHEER, M. F. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, Jatáí, v. 2, n. 11, p. 1-11, 2011. Disponível em: www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20333/11824. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRANCO, M. L. F. R. A educação progressiva na atualidade: o legado de John Dewey. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 3, p. 783-798, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014005000013>. Acesso em: 26 mar. 2023

BRÜSEKE, F. J. Caos e ordem na teoria sociológica. **Revista de Ciências Sociais**, v. 22, n. 1, p. 1-28, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/viewFile/12029/8298>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CANETTI, R. de F. de C. **Arte por toda parte**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1540-8.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CHARLOT, B. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DOMINGUES, K. G.; ALMEIDA, I. M. Z. P. de; CERQUEIRA, T. C. S. **Transgression and creativity in classroom**. 2013. Disponível em: psic.bvsalud.org. Acesso em: 23 mar. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. IV, p. 77

JESUS, G. de; MAIA, G. Z. A. **Indisciplina escolar**: reflexões. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v. 10, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/307>. Acesso em: 14 mai. 2020.

MACHADO, C. **Avaliar as escolas estaduais para que? Uma análise do uso dos resultados do Saresp 2000**. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MACHADO, M. C. **Caderno de teatro**. 1972. Disponível em: http://www.bernardojablonski.com/pdfs/graduacao/teatro_na_educacao.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educ. Real**, v. 31, n. 2, p. 155-169, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-31432006000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 maio 2021.

OLIVEIRA, Q. P. de; GODINHO, M. A. S. **Indisciplina**: uma visão holística de suas causas em sala de aula. 2012. Disponível em: faculdadedofuturo.edu.br. Acesso em: 10 mar. 2023.

O'NEILL, E.; CONDURU, R. **Carl Einstein e a Arte da África**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015.

SILVA, R. R. da. Disciplina escolar e gestão de sala de aula no campo educacional brasileiro. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 2, p. 533-554, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623646473>. Acesso em: 27 maio 2023.

SOUZA, F. F. Indisciplina: provocações à prática e formação de professores. **Revista Educere et Educare**, v. 7, n. 13, p. 50-66, 2012.

SOTORIVA, A. **Indisciplina escolar**: percepção social dos professores. 2008. Disponível em: <http://www.29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT13-2124--Int.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SPOLIN, V. **Jogos Teatrais na sala de aula**: um manual para o professor. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TEITELBAUM, K.; APPLE, M. John Dewey. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 194-201, jul./dez. 2001. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/classicos/teiapple.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

UTUARI, S.; LIBANEO, D.; PASCOAL, F. S. **Arte por toda parte**. São Paulo: FTD, 2013.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Problemáticas Transversais).



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUAIS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE ARTE SOBRE INDISCIPLINA

Pesquisador: BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 21247319.6.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.943.829

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto vinculado à um Programa de Mestrado Profissional em Educação, cujo objetivo é investigar as concepções dos professores de artes da rede Estadual em Barretos sobre indisciplina escolar. A pesquisa será realizada na cidade de Barretos através da Diretoria Regional de Ensino de Barretos. A coleta de dados se dará através de um questionário enviado aos participantes da pesquisa (em média 50 professores).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

- Investigar as concepções dos professores de Artes da Rede Estadual em Barretos sobre indisciplina escolar.

Objetivos específicos

- Analisar como estes professores veem a questão da indisciplina dos alunos.
- Examinar como consideram o conceito de indisciplina.
- Verificar como lidam com os alunos considerados indisciplinados.
- Verificar se a arte pode estabelecer uma melhor relação entre Professor-Aluno

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Tal como solicitado no primeiro parecer, a pesquisadora apontou no projeto de pesquisa e no TCLE os riscos da pesquisa aos participantes, bem como mencionou os benefícios decorrentes da

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.943.829

investigação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante e pode trazer contribuições importante para a área em que se insere.

- 1) A pesquisadora fez uma explanação teórica sobre o que foi apontado no primeiro parecer em relação a pesquisas survey;
- 2) O questionário a ser aplicado juntos aos participantes foi apresentado, tal como indicado;
- 3) Foi elaborado o cronograma de execução da pesquisa;
- 4) Foi atendido, parcialmente, a solicitação de ajustes das normas acadêmicas empregadas em textos científicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Como já informado anteriormente neste parecer, foi inserir no TCLE e no projeto de pesquisa os eventuais riscos aos participantes e como a pesquisadora pretende amenizá-los.

Foi anexado ao processo o Termo de Anuência da Diretoria Regional de Educação onde a pesquisa será realizada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Fundamentado na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e após avaliação minuciosa da proposta de pesquisa em questão no que se refere aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, recomendo a aprovação da proposta neste CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1400774.pdf	10/02/2020 10:47:10		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.docx	10/02/2020 10:43:55	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito
Parecer Anterior	parecer.pdf	10/02/2020 10:40:36	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.943.829

Outros	carta.docx	10/02/2020 10:38:37	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito
Declaração de concordância	Autorizacao.PDF	10/02/2020 10:37:12	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito
Outros	questoes.docx	10/02/2020 10:35:03	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcl.docx	10/02/2020 10:33:01	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	15/09/2019 09:42:51	BARBARA ALVES DOS PASSOS CRAVEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 30 de Março de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br